

Isaac Segovia  
Luiz Ant. do N. Pereira  
Willian D. P. de Oliveira

5

*Coleção*  
*Panem Nostrum*  
**A Castidade**

*Santo Antônio Maria Zaccaria*  
(1502 - 1539)





Coleção Panem Nostrum 5

# **A Castidade**

**Padres e Irmãos Barnabitas  
Rio de Janeiro 2018**

Pereira Luiz Antônio do Nascimento, Segovia Isaac, de Oliveira Willian  
Douglas Pereira, *A Castidade*, Rio de Janeiro 2018

Espiritualidade, Barnabitas, Vida Religiosa

Aos Barnabitas, Angélicas, Leigos de São Paulo e Juventude zaccaria-  
na de Língua Portuguesa e a todos os que amam  
Santo Antônio Maria Zaccaria

Capa: Pe. Wagner Domingos Barbosa CRSP

Com aprovação dos Superiores

Pe. Paulo de Tarso Rodrigues CRSP  
Preposto Provincial

Pe. Victor Baderacchi CRSP  
Vigário Provincial

São Paulo, 2 de dezembro de 2018

*“Quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor.”*

**1 Cor 7,25**

*“Ensine-lhes a abraçar de tal forma o “Lírio da Castidade”, que se acusem de adultério espiritual, caso descubram que puseram seu amor, de qualquer modo que seja, em coisas, em parentes, ou também no amor próprio, porque Deus é ciumento e proíbe todo e qualquer outro amor que não seja o seu.”*

**31210**

## INTRODUÇÃO

Qualquer coisa que se escreva sobre a Castidade nos dias de hoje se apresenta como um desafio não indiferente, tanto nos meios eclesiais e de Vida Consagrada, como na sociedade.

Para a sociedade em geral, a Castidade não é um valor e pode ser considerada até um obstáculo à liberdade individual e ao bem estar. Já em ambientes religiosos, este **inestimável dom de Deus** é visto de maneiras diferentes. Por isso, a busca de uma visão equilibrada, que ajude a Vida Consagrada e o Povo de Deus a viver a Castidade é muito importante. É preciso evitar comportamentos extremos, como o relaxamento permissivo e o rigorismo repressivo, tão distantes da misericórdia com que Jesus distinguiu toda a sua missão: *“Aquêle que não tiver pecado, atire a primeira pedra”* (Jo 8,7) são palavras de Jesus dirigidas àqueles doutores da Lei hipócritas e rigoristas no trato com os outros. Estas palavras não são, ao meu ver, uma condenação, mas um convite para que olhassem para si mesmos e se convencessem de que precisavam de conversão; e *“Mulher, ninguém condenou você? Eu também não a condeno. Pode ir e não peque mais”* (Jo 8,10b.11b) são palavras de pura misericórdia, ao proporcionarem à pecadora a oportunidade de recomeçar a vida de uma outra maneira. Também nosso Fundador tem uma maneira curiosa de mostrar misericórdia para com quem está “nas garras” do pecado contra a Castidade. Vejamos: *“Se houver quem não queira crescer na virtude da Castidade (fugindo de tudo o que a ela se opõe), de tal modo que corpo e mente sejam manchados por tais males, este seja eliminado sem que tenhamos medo de errar. Tenham, porém, grande discernimento para não expulsar alguém, quando **essa tentativa partir do demônio, ou for uma permissão divina**. Vocês saberão se alguém está sendo tentado pelo demônio ou por permissão divina, quando virem esta pessoa refrear voluntariamente a língua e fugir da leviandade e da ociosidade e procurar viver uma profunda humildade, ao mesmo tempo em que deseja ardente e alegremente a verdadeira*

*integridade da alma e do corpo. Mas, se esses sinais não aparecerem, fiquemos atentos, pois essa pessoa está vivendo numa negligência voluntária” (30202-03). Santo Antônio Maria começa aplicando a lei, mas logo exorta os companheiros a não se precipitarem na avaliação do comportamento dos outros, mas a terem uma atenção cuidadosa para com os que querem mudar suas atitudes. Que sabedoria! Que exemplo para nós, tão inclinados à condenação sumária das atitudes do próximo, sem sequer olharmos para nós mesmos!*

Se os doutores da Lei do trecho de João, capítulo 8 não conseguiram apedrejar a pecadora, nós também não podemos fazer o mesmo, embora nosso “arsenal de pedras” esteja quase sempre bem aparelhado. É bom lembrar, no entanto, que ninguém, em sã consciência, pode afirmar nunca ter cometido nenhum deslize em matéria de afetividade-sexualidade e, por conseguinte, tenha sempre vivido de forma íntegra a Castidade, seja essa pessoa quem for. Não falo aqui só de atitudes extremas, mas também de pequenas faltas nesta matéria.

Por esses motivos, resolvemos escrever esse livro. Logo nos primeiros dias do Noviciado, colocamos na programação essa tarefa. Escolhidos os temas dos 8 capítulos mais a conclusão, dividimos em três partes a responsabilidade de escrevê-los. E assim foi. A cada dois meses apresentávamos o que tínhamos feito e partíamos para os próximos três, até terminar todo o trabalho.

Quem somos nós? Mestre e Noviços de 2018, a saber, Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira, Isaac Segovia e Willian Douglas Pereira de Oliveira. Nós nos inspiramos na Coleção Panem Nostrum, que o Pe. Giuseppe Cagni publicou nos idos de 1979/80, de cuja coleção já publicamos 4 livrinhos em Português, muito úteis não só nas etapas da formação inicial, mas na permanente também. Claro que não temos o preparo que o Pe. Cagni tinha, mas, creio que fizemos um bom trabalho, que será de proveito para muitos.

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

## **Santo Antônio Maria Zaccaria e a Castidade**

Santo Antônio Maria Zaccaria nasceu em meados de dezembro de 1502; tudo indica que tenha nascido prematuro, com 7 meses, filho de Lázaro Zaccaria e Antonietta Pescaroli. Eles se casaram em 2 de fevereiro de 1501. O menino ficou órfão de pai muito cedo, nos primeiros meses de 1503.

Após a morte de seu pai, Antônio Maria cresceu e viveu na casa de sua família, com sua mãe, sua avó, sua tia, que também havia ficado viúva e alguns outros parentes, que administravam diversas propriedades rurais e uma loja de tecidos finos, que ficava localizada na Praça da Catedral de Cremona, cidade natal do santo.

A dura realidade do cotidiano do seu tempo teve muitas influências sobre o ânimo do rapaz na fase de sua adolescência: a realidade artística do Renascimento e de alguns acontecimentos religiosos como, por exemplo, o V Concílio Ecumênico de Latrão (1512-1517), os pontificados de Júlio II (1503-1513) e de Leão X (1513-1521), e a explosão da revolta Protestante iniciada por Lutero. (cf O Reformador, p. 17 )

Os horrores da guerra e da decadência econômica atingiram sua sensibilidade; num dia de inverno rigoroso, voltando para casa depois da aula, encontrou um mendigo na rua com muito frio; tirou seu casaco de seda e o entregou àquele homem. Desde cedo Antônio Maria demonstrou sua preocupação com as dores humanas e suas necessidades.

Uma grande influência em sua vida foi a de sua mãe, sendo ele órfão de pai. Ele cresceu em meio às lutas e à miséria, marcado por uma maturidade precoce, demonstrando toda a sua piedade; tudo isso foi graças à sua mãe, que o educou no amor a Deus e ao próximo. Em sua oração rezamos assim: “Ó Santo Antônio Maria, modelo de fervor que tivestes a grande felicidade de possuir uma mãe verdadeiramente cristã, corajosa e generosa, concedei a todas as mães a graça de um ardente desejo de educar bem seus filhos no temor de Deus, no amor ao próximo e na procura de um elevado ideal cristão”.

É uma grande verdade que sua mãe teve uma influência muito importante em sua personalidade: sua doçura, sua amabilidade, seu carinho pelo próximo, que podemos encontrar em seus Escritos, quando escreve para os seus.

### ***A verdadeira integridade***

Segundo o livro O Reformador, Santo Antônio Maria Zaccaria teve uma grande consideração pela virtude da Castidade. Isto se evidencia pelas suas anotações durante os estudos universitários em Pádua. Ele escreveu num caderno, em ordem alfabética, algumas definições retiradas das obras de Averroé, de Santo Alberto Magno, de João de Jandum e de outros filósofos medievais; uma delas é “*O exercício confere à natureza do homem atitudes que não tinha, e isto se pode aplicar também às virtudes morais e, sobretudo à Castidade*”. (p. 24)

Santo Antônio Maria Zaccaria manteve sua pureza e sua virgindade no período da faculdade, graças à boa educação e à formação humana e cristã que herdou de sua mãe; não há relatos de que ele teve alguma experiência de namoro. Em uma outra parte de sua oração rezamos que ele conservou sua juventude pura e íntegra no meio dos perigos e tentações. “Ó Santo Antônio Maria, modelo de coragem, que conservastes vossa juventude pura e íntegra no meio dos perigos, graças ao fervor do vosso espírito e à firmeza de vosso caráter, concedei a todos os jovens uma piedade sincera e uma vontade forte a fim de que eles não sejam vítimas do mal e que os perigos e tentações só lhes sirvam para dar mais valor à própria virtude.

Na letra C de seu caderno, dedicou uma parte sob o título de Castidade, escrevendo que “*ela é de grandíssima importância na aquisição da ciência*” (p. 24): trata-se de um pensamento da filosofia clássica e de Santo Tomás. Santo Antônio Maria teve uma grande consideração por essa virtude, em suas palavras desejou sempre “com ardor e alegria a verdadeira integridade do corpo e da alma” (p. 24).

Após os estudos de medicina, volta para sua cidade natal, e co-

meça a atuar como médico e encontra muita dor e sofrimento entre as pessoas e ele vai ao fundo, vai à miséria humana nas suas mazelas e angústias. Foi muitas vezes criticado pelos nobres de sua época, porque não media esforços para ajudar quem batia à sua porta, atendia a todos que necessitavam de saúde. Com o tempo, ele foi observando que mais do que de saúde, essas pessoas precisavam de uma ajuda espiritual, chegando assim ao mais íntimo da pessoa humana. Na última parte de sua oração rezamos assim: “Ó Santo Antônio Maria, como médico, aliviastes a dor e os sofrimentos de muitos irmãos, olhai compassivo os nossos doentes e a cada um de nós, curando-nos dos males do corpo e da alma”.

A Angélica Anônima (Ágata Sfondrati, +1631), considerava Santo Antônio Maria dotado de “pureza e inocência de mente e de corpo” (p. 24). Em um dos testemunhos do Padre Soresina, lê-se a resposta dada àqueles que caluniavam nosso Fundador, considerando-o homem de pouca honestidade. Ele dizia que podia convencer a todos sobre a virgindade de Santo Antônio Maria, baseando-se em fatos concretos.

Da virgindade do Fundador, temos uma prova que se pode definir como póstuma, recordada pelo Padre Aimone Corio (+1679), nas *Concordantiae Morales in Genesim*: “*Antônio Maria Zaccaria já tinha morrido há algum tempo e seu corpo estava conservado no mosteiro de São Paulo das Irmãs Angélicas, quando o Superior dos Barnabitas teve o desejo de ver e de venerar o corpo do seu amado pai e fundador. Pediu que tirassem do túmulo onde estava em uma frágil arca, e na presença de poucas pessoas piedosas, pôs-se a examiná-lo. Encontrou-o íntegro, com as carnes frescas e sem nenhuma corrupção, como se estivesse vivo. Querendo observar melhor os pés e as pernas, com um gesto respeitoso, levantou um pouco seu hábito, que o cobria até o calcanhar. Enquanto o Superior Geral estava todo atento na consideração daquele venerável corpo, uma coisa admirável aconteceu: imediatamente o próprio santo estendeu a mão direita e, pegando levemente a ponta do hábito que o Superior havia levantado, ele mesmo cobriu os*

*pés e as pernas, como se estivesse vivo”* (O Reformador, p. 24).

Na Carta 5, dedicada às Irmãs Angélicas, pode-se perceber uma linguagem lírica, demonstrando todo o amor de Antônio Maria para com cada uma delas, como um pai que cuida com carinho de seus filhos e filhas. Ele começa essa carta com muito afeto. *“Minhas queridas filhas, eu considero vocês o meu único motivo de alegria e consolo, só de pensar que em breve estarei de volta à convivência com vocês. Minhas amáveis filhas, estou muito orgulhoso de vocês e... sei que um dia serei invejado por São Paulo, porque vocês, tal qual as filhas do Apóstolo, desejam ardentemente sofrer por Cristo, renunciam a tudo e a si mesmas, procuram levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo e ao Cristo Crucificado; e mais ainda, porque vocês - não uma só e sim todas - deixando de lado toda estima própria e consolação interior (as filhas de Paulo gostavam disso), tornaram-se apóstolas, não só para acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pessoas, mas também para destruir esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza”* (10502). E ainda continua agradecendo a Deus por ter filhas tão generosas; é nítido o amor, o carinho e a preocupação que o santo devota às suas filhas queridas, ele se interessa por todas e se preocupa com o crescimento e com o progresso espiritual delas: *“Graças sem fim sejam dadas ao meu Senhor, por filhas tão generosas que ele me deu. Minhas filhas, enquanto isso, eu peço a vocês que procurem trazer-me alegria, de tal modo que, quando eu chegar aí, consiga ver o progresso de vocês, cada uma se esforçando mais que a outra ”* (10503)

Essa manifestação de carinho tão grande pelas suas queridas filhas mostra sua amizade e amor para com as mulheres; além das Angélicas, tantas outras mulheres foram suas amigas e companheiras. Ele tinha o dom de compreender, de escutar e de atendê-las, se preocupava de verdade com cada uma delas, tanto que ele funda a Congregação das Irmãs Angélicas fora das grades das clausuras dos mosteiros, pois acredita no papel da mulher, em sua capacidade intelectual de ver as coisas

com outros olhos.

Tudo isso Antônio Maria herdou de sua mãe, soube confiar na mulher, mesmo em uma sociedade machista e numa Igreja tão patriarcal como era a do seu tempo, em que as mulheres eram submissas aos homens, mas ele faz ao contrário, quer recuperar a ternura, o amor, toda a riqueza das mulheres e as traz para junto de si, pois sabia que isso era muito importante e ninguém havia feito isso antes. Pena que a mentalidade da época não deu muita atenção a esta questão, preocupando-se com outras questões. Mas a História se encarrega de sanar as falhas da humanidade.

Na carta 10, dedicada ao cordial filho, Sr Batista Soresina, ele diz: *“Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar. E, se por acaso, ficar claro que você não está seguindo as minhas orientações, mesmo que se comportasse assim por ignorância, por falta de atenção e não por maldade, isso teria sido, para mim, como uma facada no coração”* (11002). E ainda continua dizendo ao jovem Soresina: *“Fica pior ainda, se fosse uma falta contra outras pessoas, porque as imperfeições praticadas contra os outros doem mais do que se fossem contra mim: a mesma coisa é a alegria que tenho por causa dos gestos concretos praticados em favor dos outros: ela é muito maior do que se esses gestos fossem feitos em meu favor. Isso mostra que há, em você, grandes valores e que você os vive por causa de uma obediência consciente, mantendo sempre o mesmo fervor, quer eu esteja presente ou não, na frente dos outros e dos padres também”* (11003).

Santo Antônio Maria sabe que o padre Soresina não tem as mesmas atitudes para com os outros e diz que ele age de maneira fingida e sente isso na pele como se fosse com ele, *“Quero dizer-lhe mais uma coisa, prezado Pe. Batista. Soube que você não tem, com o Pe. Superior (Tiago Antônio Morigia), a mesma simplicidade de atitudes que tem comigo e isso me encheu de tristeza, pois se comporta diante dele de maneira fingida. Isso me atravessou o coração! E teria sofrido muito mais, se tivesse acreditado em tudo o que ouvi”* (11005). Diz mais ain-

da: *“Que coisa! Sua falta seria muito grave, se isso tudo fosse verdade! Se você tiver mesmo esta falha, quem mais eu poderia elogiar, pois eu o considero como aquele cujas atitudes devem trazer-me grande alegria! Pobre de mim, se todos os meus filhos têm tão pouca preocupação em alegrar-me; teria sido melhor nunca tê-los gerado, para depois se desviarem!”* (11006).

Santo Antônio Maria conhece muito bem seu querido filho e quer que ele mude de conduta e, por isso se preocupa muito com ele, não quer acreditar que essas coisas são verdade, pois tinha confiado a ele todo seu tesouro; para ele era duro acreditar nisso: *“O que você vai ganhar fazendo-me sofrer? Que vantagem vai levar, prejudicando a si mesmo e causando-me tristeza? O que ganhará, atrasando seu caminho para a perfeição? Se quiser agradar-me e me ver sempre presente nos outros, eu lhe garanto que o Cristo Crucificado o levará a tal grau de perfeição, que você despertará uma santa inveja nos filhos de São Paulo”* (11010).

É nítido que Santo Antônio Maria age muitas vezes como um pai que quer educar bem seus filhos e quer o progresso deles, mas sabe que isso não é fácil, e confia que seu filho vai mudar; ele gosta tanto do padre Soresina, que olha além das aparências, além dos seus atos e sabe que ele vai mudar, mas antes ele faz essas considerações para chamar sua atenção; em outras palavras, dá um puxão de orelhas em seu amado filho: *“Se, daqui pra frente, eu não perceber mudanças em você e se você não se comportar deste modo, isto é: que sempre veja a mim, ao ver os outros superiores: que sempre veja em mim e nos meus semelhantes o Cristo Jesus Pastor de sua alma em pessoa: que você procure proceder de um modo autêntico e simples, vivendo os valores diante de mim e deles, como faria diante de Cristo Jesus: se você não fizer isso, não ficarei satisfeito com você e pedirei ao Crucificado que me tire deste mundo, para que você não me traga tanta angústia! Se, de agora em diante, você falhar novamente, fará com que eu acredite em tudo o que se passou; e, pelo passado, pelo presente e pelo futuro,*

*terei que pensar que Jesus Cristo quer que eu morra, tendo filhos tão degenerados e pouco legítimos!” (11011)*

O santo conclui essa carta exortando a todos pois esse é o seu grande motivo de alegria: *“Agora chega! Tenho a certeza de que, mesmo tendo errado por malícia, você não errará mais e será leal e simples com o Pe. Tiago Antônio Morigia e com os outros. E isso eu lhe peço, porque de você e dos outros juntos depende toda a minha felicidade” (11012)..*

É na carta 11, escrita ao excelentíssimo Senhor Bernardo Omodei e a D. Laura Rossi, dignos de toda honra em Cristo, casal de leigos amigos, que ele tem em grande estima e consideração: *“Meu querido irmão ou, como você mesmo prefere, meu filho! Saúde! Todo o meu sentimento em Cristo! Recebi sua carta e a minha resposta será uma conversa com vocês dois juntos: com você, Bernardo e com D. Laura. E já que os confiei ao Cristo, desejo que vocês não se deixem levar pela tibieza, mas que cresçam sempre! O motivo é o seguinte: se a tibieza tomar conta de vocês, a vida marcada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal ou, usando o termo mais adequado, vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais” (11101).*

Ele dá algumas orientações para o casal. Vale resaltar que tinha uma grande liberdade para com eles, isso mostra que o casal tinha uma grande confiança nele e essa confiança era recíproca, a ponto de falar sobre o crescimento espiritual do casal e também sobre a castidade conjugal. O santo fala assim: *“Ora, quem deseja tornar-se espiritual, começa cortando alguma coisa: um dia, uma, outro dia, outra e assim, vai continuando, até eliminar a pelanca e tudo da carne que não serve mais. Por exemplo, no começo, elimina as palavras que ofendem, depois as inúteis para, enfim, só falar o que faz crescer. Outro exemplo: primeiro, corta as palavras e os gestos violentos para, depois, usar palavras suaves e humildes. Mais um: começa fugindo dos elogios e, quando aparecerem, não se importa com eles e até se considera não merecedor deles e fica satisfeito com isso; deixa de lado relações se-*

*xuais sem amor e corta tudo que é feito só por sensualidade, para dar dignidade à castidade conjugal; não quer ficar rezando só uma ou duas horas, mas eleva o pensamento ao Cristo ao longo do dia. E esses exemplos que dei não são tudo, encontrem outros!”* (11104).

Santo Antônio Maria deseja que os dois se tornem grandes santos e demonstra o grande amor que tem pelo casal; exorta-os e confia nos dois: *“Não pensem que o amor que tenho pelos dois e que as boas qualidades que vocês têm me levem a desejar que sejam apenas santos comuns. De jeito nenhum! Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele”*(11106). O Fundador não tinha medo e nem vergonha de demonstrar sentimentos por eles: *“Eu, pela ternura e pela afeição que tenho por vocês, peço-lhes que se esforcem para dar-me esta satisfação. O motivo é que eu conheço a grandeza da perfeição e a abundância das graças e eu conheço os frutos que o Crucificado quer produzir em vocês e sei muito bem a que grau de perfeição Ele quer levar vocês dois”* (11107).

A fala de Santo Antônio Maria para o casal e também para os outros, mostra uma pessoa que gosta das pessoas, de ser amado e de amar, ele consegue, ao mesmo tempo, corrigir e exaltar com todo carinho e afeto no mais íntimo do seu coração: *“Querida Laura e caro Bernardo, não reparem no fato de ser eu quem fala assim: considerem, ao contrário, o amor que eu tenho por vocês e como anseio intensamente pela perfeição dos dois! Olhem para o meu coração: está aberto! Estou pronto a derramar o sangue por vocês, desde que façam isso que eu lhes disse! Fiquem sabendo que seria para mim, uma dor profunda, se não tivesse a certeza de que vocês estão prontos a fazer isso e até coisas maiores do que as já feitas por qualquer outro santo ou santa!”*(11108).

O Fundador escreveu essa carta com tanto amor, que disse que não escreveu com caneta e sim com o coração. *“E já que eu sei que*

*vocês querem ser fiéis a Jesus Crucificado, escrevi esta carta não com a caneta, mas com o coração, pedindo-lhes que reflitam sobre ela, lendo-a com frequência, por exemplo, uma vez por semana. Garanto que, se souberem meditar no que está aqui, não precisarão de nenhum outro livro. Ela se tornará o livro que, posto em prática juntamente com a memória da cruz de Cristo, os levará a uma grande perfeição. Não lhes escrevi palavra alguma que não tenha em si algo de especial. Se o encontrarem, penso que lhes será extremamente útil e de grande proveito. E já que não posso escrever sempre, gostaria que não perdessem esta carta, porque espero em Cristo que, toda vez que voltarem a lê-la, será, para vocês como que uma carta nova; e a partir desta, vocês podem escrever uma outra por sua conta” (11109). Nosso santo morreu quinze dias após ter escrito ao casal Bernardo e Laura!*

Em um de seus sermões, quando fala da luxúria, fala também aos casais: *“Caríssimo, você faz esculturas e imagens. Pôs o seu coração na esposa mais do que deveria. É claro que eu não condeno o matrimônio, mas você deve respeitá-lo, e comportar-se com dignidade, porque é um grande sacramento. Não se perca, como fazem as pessoas vulgares. Lembre-se de que a castidade e o bom comportamento são vontade de Deus: ‘A vontade de Deus é que vocês sejam santos...’” (1Ts.4,3)” (20126).*

Preocupado com a tibieza reinante na sua época e - essa deveria ser a nossa preocupação também, pois a tibieza está aí em muitos setores da vida moderna -, e dentro da dinâmica zaccariana, que nos exorta a crescer sempre, a não nos contentarmos com o estágio em que nos encontramos, os Conselhos evangélicos, inclusive a Castidade, são um passo à frente como testemunho da Vida Consagrada que chacoalha as consciências. Diz o Fundador: *“Alguns dizem: não é preciso fazer as coisas muito bem e nem fazer muitas coisas: algumas são necessárias, outras, apenas foram aconselhadas, são a mais e não são indispensáveis. Rezar muito, humilhar-se muito, fazer muita penitência, dar o que temos aos pobres, sobrecarregar-se de coisas espirituais... Pra quê?*

*Não precisa! Como somos mesquinhos! Não há dúvida que algumas coisas são necessárias e outras só são aconselhadas.” (20618). E continua: “Alguém perguntou a Cristo o que deveria fazer para entrar no Paraíso e Ele respondeu: “observa os Mandamentos”. Ao que o outro retrucou dizendo que já fazia isso desde o tempo da sua juventude. E Jesus disse: “se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro no céu...” (Mt.19,16-21). E Cristo disse ainda: “de fato, há homens castrados, porque nasceram assim; outros, porque os homens os fizeram assim; outros, ainda se castraram por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda” (Mt.19,12). E Paulo, falando da virgindade, disse: “... quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor. Porém, como homem que, pela misericórdia do Senhor, é digno de confiança, dou apenas um conselho: considero boa a condição das pessoas virgens, por causa das angústias presentes (1Cor.7,25-26). Ora, é daqui que surge a distinção entre norma e conselho” (20618)*

Willian Douglas Pereira de Oliveira  
Noviço Barnabita de 2018.

## O panorama atual da Castidade

Estamos inseridos numa sociedade fortemente erotizada, caracterizada pela busca do prazer pelo prazer, do sexo pelo sexo. É nítido ver essa realidade nas pessoas nas ruas, em outdoors, espetáculos, jornais, livros e revistas, na moda masculina e feminina, em programas de TV, nas redes sociais, em aplicativos de sexo imediato e em salas de bate papo e de relacionamento sem compromisso algum.

As pessoas, hoje em dia, respiram sexualidade, não só adolescentes e jovens, também os adultos e até vários idosos buscam meios de satisfazerem seus desejos e suas vontades. O que era tabu e algo reservado, tornou-se visível e explícito, muito fácil de ser encontrado e acessado de várias formas e em vários lugares.

Há uma agressão contínua à Castidade, existe uma estimulação artificial e massiva da fisiologia, da simples genitalidade, sem o menor contexto de generosidade e amor. Sexo pelo consumo e prazer: quem alimenta essa atmosfera materialista? É evidente que é a indústria pornográfica, que investe dinheiro na produção de conteúdos sexuais, que atendam e chamem a atenção das pessoas de todos os públicos.

Esta indústria destrói os corpos e principalmente a alma; pessoas ficam viciadas, tornam-se individualistas e surge também o vício da masturbação, que não aflige só os homens, mas, também as mulheres. Diante desse panorama, é preciso reagir, pedir ajuda de fora, se autocohecer, querer mudar e respeitar sua própria condição de seres humanos.

### *Mortificação e autocontrole*

A função da mortificação, nesta luta, é dizer **não** à sensualidade bruta, e dizer **sim** à beleza, à grandeza e à dignidade do amor: é necessário dizer **não** aos estímulos de mero hedonismo, para dizer **sim** ao amor e à beleza da sexualidade humana, própria dos filhos de Deus, de homens e mulheres autênticos.

Para alcançar o autocontrole, é importante, em primeiro lugar, a mortificação da gula, pois esta nos leva ao descontrole no comer, no beber e nos caprichos. A mortificação ajuda bem mais do que se imagina a manter o equilíbrio da Castidade.

Ao mesmo tempo, é necessário cuidar delicadamente da mortificação dos olhos, pois estes são uma janela aberta para o mundo e receptores constantes de incentivos eróticos, que se encontram em toda parte. É preciso dizer *não* a esses estímulos sexuais, em suas várias formas.

### ***A sociedade líquida***

Outro aspecto que atrapalha a vivência da Castidade hoje é a sociedade líquida, em que não mais existem durabilidade e consistência nas relações humanas: tudo agora é descartável, não há mais amor ao próximo. Desta forma, é quase impossível viver a Castidade, que é força para amar.

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, vivemos numa época fluida, numa sociedade líquida, onde não existe mais espaço para a consistência. A modernidade líquida pode ser entendida, então, como um tempo da volatilidade, onde nada é durável, nada é estável, inclusive, as relações humanas. Assim, as mudanças cada vez mais rápidas apresentam-se como uma das características mais marcantes desse tempo.

A solidez não é mais uma característica interessante atualmente, visto que dificulta as mudanças, torna monótona a convivência diária, pois tem a capacidade de teimar em não ceder às exigências que buscam a todo custo empurrar os indivíduos para os caminhos da ambivalência, instantaneidade, precariedade, vulnerabilidade e consumismo.

*“Em um mundo inconstante e imediatista, os laços humanos se constituem precariamente. A fluidez da Modernidade líquida se revela através da vulnerabilidade, instantaneidade, efemeridade e precariedade das relações humanas. As pessoas estão desconectadas, sem redes de relação, de apoio, sentindo-se perdidas e necessitadas de criar*

*laços afetivos*”. (NOGUEIRA, 2006, p. 22).

O ser humano é alguém que busca relações, contudo, na modernidade líquida, ele se vê desconectado, desamarrado de uma rede de apoio, livre para movimentar-se da mesma forma que os fluidos. Marcado pela ambivalência e imediatismo, ele se tornou prisioneiro da angústia, já que existe à sua frente um universo de possibilidades, sendo livre para se movimentar no meio delas, o que torna muito difícil escolher a “melhor” opção. Mas o sujeito busca uma forma de criar laços afetivos para aplacar seu sentimento de solidão e medo. Não obstante, como é marcado pela ambivalência e liquidez, os laços afetivos que busca construir são frouxos, pois o ser humano líquido, - líquido sim, pois é um indivíduo que faz parte de um tempo líquido, que escorre e muda constantemente numa grande velocidade -, evita tudo que é sólido e que possa durar. Essa sua posição ambivalente, de querer um laço, mas ao mesmo tempo não querer ficar preso ao mesmo, impede que esse sujeito se esforce para manter a continuidade, a durabilidade das relações.

Estabelecer laços duradouros exige sacrifícios, e pode significar também a perda de outras oportunidades. Como o ser humano líquido é imediatista, ávido por prazer, ele então migra de uma relação para outra em busca do maior ganho, contudo, o próximo laço é tão frouxo quanto o anterior, e logo se torna tedioso, exigindo então o retorno à busca incessante. No caso da sexualidade, - fenômeno inerente ao ser humano -, essa fluidez se apresenta marcante. Os indivíduos buscam um no outro o prazer imediato, o que se configura como um laço frouxo e ligeiro.

A sexualidade humana não deve ser entendida somente no sentido do ato sexual em si, mas como um conjunto complexo de atitudes, hábitos, impulsos e ações que visam o estabelecimento de relações com outras pessoas. O ato sexual faz parte da sexualidade, mas a sexualidade não é somente o ato sexual, o coito. Contudo, na modernidade líquida, a sexualidade quase sempre é entendida como ato sexual simplesmente. Assim, muitas vezes, o outro (a outra pessoa) é percebida como

uma fonte de prazer, como um objeto capaz de proporcionar prazer imediato, algo capaz de satisfazer os desejos inflamados pelo discurso da cultura líquida consumista, discurso que é veiculado muito eficientemente pelas diversas mídias. Assim, fundou-se um mercado sexual, onde a ideia do descartável reina, onde o outro é um objeto que pode ser utilizado para obter prazer e que posteriormente pode ser descartado sem maiores problemas.

O imediatismo, a busca pelo prazer e pelas relações fluidas, exigem dos indivíduos uma constante mudança: mudança de parceiro, mudança de valores, etc. Dessa forma, cada pessoa, para participar do mercado sexual, necessita “aproveitar bem as cartas de que se dispõe”. (BAUMAN, 1998, p. 56), ou seja, é preciso utilizar com perícia aquilo que se tem à mão: dinheiro, cirurgias estéticas, etc., para conseguir satisfazer seus desejos e necessidades. Os indivíduos buscam então relações que proporcionem satisfação imediata dos desejos e, uma vez numa relação, é preciso evitar criar laços sólidos, pois isso significaria a perda da liberdade, o que, conseqüentemente, levaria à perda de outras oportunidades mais satisfatórias e prazerosas. Migra-se então de uma relação para outra, evita-se o tédio, busca-se um coquetel de fortes emoções. Contudo, essa fluidez provoca insegurança e angústia, pois são tantas as opções no grande mercado, e tudo é tão descartável, que, ao mesmo tempo em que se busca a liberdade de movimento, um medo de ser descartado, de não ter um ponto de apoio, de não ser amparado quando de uma dificuldade, apodera-se da individualidade, e chega a provocar os maiores temores, levando o sujeito a procurar ainda mais satisfação, para então despistar a angústia que se apoderou de si. Mas, curiosamente, quanto mais procura, quanto mais estabelece laços frouxos, mais inseguro e angustiado se torna. Falta-lhe a segurança do sólido, dos laços duradouros.

Como tudo na modernidade líquida é encarado da mesma forma como são encarados os bens de consumo, a sexualidade também é regulada pelas leis do mercado “que disseminam imperativos de bem-estar,

prazer e satisfação imediata de todos os desejos.” (NOGUEIRA, 2006, p.14). Dessa maneira, os laços afetivos duram até quando oferecerem a possibilidade de satisfazer os desejos instantaneamente. O corpo do outro é visto então como uma espécie de playground, algo que pode ser desfrutado e depois abandonado quando o tédio se instalar ou quando outra oportunidade mais interessante despontar no horizonte.

Enfim, a sexualidade na modernidade líquida não foge das regras do mercado capitalista: tudo é regido pelo imperativo do consumo, da efemeridade, da precariedade e da liquidez. Contudo, a falta de laços sólidos promove insegurança e a angústia. O ser humano destes tempos líquidos é inseguro, intranquilo, e busca incessantemente algo que não sabe o que é, e mergulha no consumo e nas relações fluidas, atendendo aos discursos de um sistema insaciável, o sistema capitalista. Os laços humanos estão cada vez mais frouxos, mais instáveis, carregados de incertezas e intolerância.

Santo Antônio Maria Zaccaria, em seus Escritos, dizia que o **Caminho para Deus é Humano** (cf Sermões 4 e 6). Se na sociedade atual, não se pensa desta forma, ou seja, se não amamos o próximo, não é possível viver a Castidade, que é força para amar a todos sem distinção e interesse algum.

Willian Douglas Pereira de Oliveira  
Noviço Barnabira de 2018

## Afetividade e sexualidade

O nosso Santo Fundador não fala diretamente sobre o tema da afetividade e sexualidade nos seus Escritos. E até hoje não temos acesso a um texto dele especificamente sobre esses assuntos. Porém, ele deixa transparecer alguma coisa nas entrelinhas de certos textos dos Escritos, que podem ajudar na nossa reflexão. Mais adiante, estes textos vão aparecer

A seguir, apresento alguns conceitos necessários para desenvolver o nosso tema: o dicionário Ferreira define afetividade como “*conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza*” (FERREIRA, 2000, p. 20). E, Moreira de Oliveira diz: “*a sexualidade é a inscrição, na própria carne e em todo o ser, do fato que a pessoa humana é impensável isoladamente. Ela é essencialmente relacionada ao outro*” (MOREIRA DE OLIVEIRA, p. 41), ou seja, a sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, em sua unidade de corpo e alma (cf. Gaudium et Spes, 14), por isso é capaz de amar e de criar vínculos de comunhão, sendo imagem e semelhança de Deus.

Em primeiro lugar é importante a liberdade da própria pessoa, porque ela permitirá que homens e mulheres consagrados vivam sua afetividade e sexualidade, tanto dentro como fora da comunidade sem nenhum fingimento. Neste sentido, podemos fazer uma analogia com o questionamento de Santo Antônio Maria Zaccaria quando explicava o primeiro mandamento e falava sobre a importância de nos libertarmos da soberba. Dizia: “*Por acaso, parece-lhe ser coisa boa fazer penitência corporal e, depois, ser fingida com a sua irmã, ter ódio contra ela e, se tiver oportunidade, até vingar-se dela?*” (20233). E em segundo lugar, é preciso amar a própria vocação, porque amando a vocação amaremos a Igreja, o próprio Instituto e nos sentiremos na comunidade

como verdadeiros irmãos dos outros.

Com certeza, existem as dificuldades, mas elas serão ocasiões para o crescimento humano. Santo Antônio Maria Zaccaria falava das paixões humanas (*humanae cupidines*). No Sermão 5, explicando o quinto mandamento diz: “*A experiência de todos os dias mostra que as paixões e as tendências naturais (tristeza, alegria, ira, amor,...) estão em todas as pessoas*” (20501); em outras palavras, todas elas são naturais, porque normalmente aparecem na convivência diária, que pode dificultar o crescimento pessoal e comunitário, ou colaborar com ele.

Dentro da nossa condição antropológica, as paixões são inclinações naturais. Todas elas vêm das reações que fazem parte da nossa sexualidade e afetividade. Segundo o Santo Fundador, além das paixões boas, existem igualmente paixões de efeitos maus, por exemplo: “*não é lamentável a tristeza de Judas? Daí, veio um forte desespero! (Mt 27,3). E a de Caim? (Gn 4,13) E a tristeza do mundo que, segundo o Apóstolo, produz a morte? (2Cor 7,10)*” (20509)

Apesar de serem naturais e normalmente espontâneas, é forçoso afirmar que as paixões são causa de merecimento ou de castigo para nós. São reações do corpo que precisam de atenção, de cuidado e de aceitação. Ora, se essas reações são frequentes, podem ocasionar desordem afetiva e que precisarão ser arrancadas, depois, pela raiz (cf. 10203) para não atingirem o próximo.

Por isso, se as tendências são positivas, trarão uma convivência saudável para a vida em comum; se elas são ruins, será necessário colocar em prática o princípio da gradualidade zaccariana. (cf. 10202), porque as paixões sempre aparecerão, mas procure descobrir quais são e acabe com elas (cf. 10315).

Santo Antônio Maria Zaccaria disse: “*será que o homem não tem o poder de dominar as paixões do jeito que ele quiser? Por que não? Ele pode, de fato, dominá-las depois das primeiras reações e, se quiser, pode diminuí-las e até apagá-las*” (20514). Ou o homem comanda as suas paixões e alcança a paz, ou se deixa comandar por elas

e torna-se infeliz. Por isso se requer uma capacidade e uma atitude de domínio de si, que são sinal de liberdade interior, de responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros. Portanto, o esforço de identificar e eliminar as paixões ruins nos levará à superação das nossas dificuldades nas relações interpessoais. E o nosso relacionamento será cada vez mais pleno. Sendo assim, é possível viver com liberdade para amar os irmãos e conseqüentemente a Deus.

### *A relação humana afetiva e sexual*

Além das paixões, Santo Antônio Maria Zaccaria falava da importância do relacionamento interpessoal, que leva a pessoa a reconhecer as qualidades do outro. Reconhecer as qualidades do irmão ajuda a superar o narcisismo. E isto conduz a pessoa a ter mais confiança no outro. Um exemplo claro vemos na experiência do Fundador, apresentando Benedito Romano ao Frei Batista: *“Ele tem muitas qualidades e não o enganará em coisa alguma. Estou dizendo isso porque Benedito é obediente e digno de confiança pelo que fala e pelo que faz. O senhor o conhecerá melhor, conversando com ele pessoalmente”* (10105). Nosso santo, dessa forma, expressou seu sentimento descrevendo as qualidades de outra pessoa.

A confiança se constrói através de um sadio e autêntico relacionamento. Eu me relaciono como pessoa, colocando toda minha afetividade e sexualidade nesse relacionamento. Na Carta 2, escrevendo aos seus companheiros, Bartolomeu Ferrari e Tiago Morigia, o Santo Fundador reconhece aspectos da personalidade humana dando um puxão de orelhas nos dois. A liberdade de expressar o pensamento, com certeza era fruto de um relacionamento transparente. O ser humano nasce para se relacionar com o outro (como diria Aristóteles: é um “animal político”). E se relaciona envolvendo toda sua afetividade e sexualidade.

Ora, viver a afetividade significa viver a sexualidade, ambas são características constitutivas do ser humano. A pessoa age a partir da sua

sexualidade e afetividade. Portanto, quem as acolhe e reconhece é uma pessoa integralmente virtuosa.

Para o religioso, a afetividade leva-o a ter um coração indiviso, voltado para Deus e a viver intensamente o amor fraterno e a caridade, ou seja, é a procura de uma doação total a Deus e à missão a que foi chamado.

*“A sexualidade, enquanto elemento constitutivo da pessoa humana, é uma coisa boa, positiva, porque é criação de Deus”* (MOREIRA DE OLIVEIRA, 2001, p. 41). Podemos constatar esta afirmação no livro do Gênesis, quando Deus criou a pessoa humana quis que a sexualidade fosse parte constitutiva dela, por isso diz: *“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”* (Gn 1,27).

Dentro do conjunto da natureza não existe um gênero neutro, porque cada ser vivo se manifesta concretamente ou no ser masculino ou no ser feminino, portanto nesse universo criado por Deus, a pessoa humana é um ser sexuado e se manifesta a partir do seu sexo masculino ou feminino.

### **Conclusão**

*“O homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus”* (20601). Portanto, o religioso tem a obrigação de ser o primeiro a caminhar em direção a Deus. E sendo religioso, morando numa comunidade, ele não caminha sozinho, precisa caminhar junto com os outros confrades.

O homem não pode caminhar isoladamente. Ele tem necessidade de um clima de calor familiar e comunitário, buscando a unidade, respeitando a diversidade de pessoas, em que haja acolhimento, estima, valorização da pessoa - de seus dons e modo de ser - para que ele sinta que pode participar da vida e da atividade da comunidade e que sua colaboração é importante e valorizada.

Para caminhar juntos, é preciso paciência, abertura, escuta e re-

lacionamento. O relacionamento com Deus leva até o outro. Se o religioso se abre ao amor de Deus chegará até o próximo, porque o amor ao próximo é necessário para quem quiser ir a Deus, pois, para amar a Deus, só amando o próximo (cf 20436)

Na vida religiosa, pelo voto de Castidade, o religioso reforça a sua capacidade afetiva de criar vínculos de amizade com os irmãos e com todas as pessoas para caminharem juntos. Por isso, cada religioso é chamado ao amor de amizade e de oblatividade, isto é possível depois de superar a tendência ao egoísmo pelo amor de outros.

Mas, a vivência cotidiana, o caminho da vida religiosa não transcorre de maneira pacífica e tranquila todo o tempo, isto notamos por experiência e pelas cartas que nos deixou o Santo Fundador (cf. Carta 9). Os momentos felizes de intensa experiência comunitária, seja espiritual ou no dia-a-dia, alternam-se com situações de crise, sofrimento e busca. As vivências de afetividade e sexualidade têm muito a ver com isso. Afinal, não é fácil uma vida totalmente equilibrada. Mesmo a pessoa madura e bem resolvida em sua sexualidade, em seus relacionamentos afetivos, não é sempre dona de seus impulsos, interesses e desejos. Por isso, os dinamismos sexuais e afetivos não são inteiramente conscientes (cf. Sermão 5).

Isaac Segovia  
Noviço Barnabita de 2018

## **A Castidade nos documentos da Igreja**

Este capítulo se limita a indicar textos de documentos da Igreja a respeito da Castidade, a fim de possibilitar a reflexão de quantos tiverem acesso a este livrinho.

### ***A Castidade no Documento PERFECTAE CARITATIS (cf. nº 12)***

A castidade “por causa do reino dos céus” (Mt 19,12) que os religiosos professam há de ser apreciada como insigne dom da graça. Pois libera de modo singular o coração do homem (cf. 1 Cor 7,32-35), para inflamar-se mais na caridade de Deus e dos homens todos; é ela por isso muito apta para se dedicarem os religiosos com ardor ao serviço divino e às obras do apostolado. Assim a Castidade evoca, perante todos os fiéis cristãos, aquela admirável união estabelecida por Deus e que há de manifestar-se plenamente no século futuro, pela qual a Igreja tem a Cristo como único esposo.

É, pois necessário que os religiosos, procurando ser fiéis à sua profissão, ponham sua fé nas palavras do Senhor. Confiados no auxílio de Deus, não presumam das próprias forças, mas empreguem a mortificação e a guarda dos sentidos. Não deixem tampouco de lado os meios naturais, que favorecem a saúde do espírito e do corpo. Desta sorte não se deixarão levar por falsas doutrinas que afirmam ser impossível a continência perfeita ou ser nociva ao desenvolvimento humano, mas rejeitarão, como por instinto espiritual, tudo que põe em perigo a castidade. Lembrem-se, além disso, todos, e em particular os superiores, que mais seguramente se guardará a castidade se entre os membros floresce a verdadeira caridade fraterna na vida comum.

Já que a observância da continência perfeita interessa de maneira muito íntima inclinações especialmente profundas da natureza humana, não se decidam a fazer a profissão de castidade, nem a ela sejam admitidos os candidatos, senão após uma provação realmente suficiente e com a devida madureza psicológica e afetiva. Sejam eles não só adverti-

dos sobre os perigos que se opõem à Castidade, mas de tal forma sejam instruídos, que assumam a Castidade dedicada a Deus também como benefício para a personalidade integral.

### ***Os desafio da Castidade segundo o Documento VITA CONSECRATA (cf. nº 88)***

O primeiro desafio vem de uma cultura hedonista que separa a sexualidade de qualquer norma moral objetiva, tratando-a como mera diversão e consumo e, com a cumplicidade dos meios de comunicação, uma espécie de idolatria do instinto. Suas conseqüências são visíveis para todos: prevaricações de todas as maneiras, que são seguidas por inúmeros danos psicológicos e morais para indivíduos e para suas famílias.

A saída para a vida consagrada consiste, em primeiro lugar, na “prática alegre da perfeita castidade”, como testemunho da força do amor de Deus na fragilidade da condição humana. O/A Consagrado(a) manifestará que o que muitos crêem que seja impossível é possível e verdadeiramente libertador com a graça do Senhor Jesus. “Com Cristo é possível amar a Deus de todo o coração, colocando-o acima de qualquer outro amor, e assim amar com a liberdade de Deus a todas as criaturas!” Este testemunho é sem dúvida necessário nos dias atuais, precisamente porque é algo quase complexo em nosso mundo.

É necessário que a vida consagrada mostre ao mundo exemplos de “uma castidade vivida por homens e mulheres que demonstram equilíbrio, auto-controle, iniciativa, maturidade psicológica e afetiva” (cf. PC 12). Graças a esse testemunho, é oferecido ao amor humano um ponto de referência seguro, que a pessoa consagrada encontra na contemplação do amor trinitário, que nos foi revelado em Cristo. Precisamente porque são imersos neste mistério, que os(as) consagrados(as) sentem-se capazes de um amor radical e universal, que lhes dá forças, de auto-controle e disciplina necessária para evitar a submissão aos sentidos e instintos. “A castidade consagrada aparece assim como uma ex-

periência de alegria e liberdade”(VC 88). Iluminado pela fé no Senhor ressuscitado e pela esperança nos novos céus e nova terra (Ap 21,1), também oferece estímulos valiosos para a educação na castidade de outros estados de vida.

### ***A Castidade na visão do Documento Vida Fraterna em Comunidade (cf. n<sup>os</sup> 37 e 44)***

De acordo, com esse documento, a Castidade consagrada, exige uma grande pureza de mente, de coração e de corpo. Caracteriza uma grande liberdade para amar a Deus e tudo aquilo por Ele criado, com um amor único. Aponta uma disponibilidade de amar e servir a todos os homens tendo sempre em vista o amor de Cristo. Esse amor que não é egoísta e nem exclusivo, não é possessivo e nem prisioneiro de paixões, é universal e desinteressado, é livre e libertador. É indispensável para a missão, precisa ser cultivado e florescer na vida fraterna. Nesta dimensão dos votos, os religiosos necessitam de um cuidado contínuo e de aprofundamento; estes sejam inerentes à formação permanente.

Desta forma, “aqueles que vivem o celibato consagrado são recordação do admirável conúbio realizado por Deus e que se manifestará plenamente no século futuro, pelo qual a Igreja tem Cristo como seu único esposo”.

Willian Douglas Pereira de Oliveira  
Noviço Barnabita de 2018

## A Castidade nas Constituições

Santo Antônio Maria Zaccaria escreveu poucas linhas sobre a Castidade para a regra de vida, apenas o essencial para o grupo que estava começando a dar os primeiros passos. Ao longo da história da Ordem, os Barnabitas, continuando o legado do Fundador, acrescentaram outras ideias a mais sobre este tema. Porém, na prática da Vida Religiosa Consagrada, a Castidade era observada rigorosamente e pouco dialogada durante o período formativo.

A ideia original do Fundador sobre a Castidade superava o pensamento da época (século XVI). Em primeiro lugar, porque não censurava a vivência da sexualidade e, inclusive refletia e explicava sobre as paixões para as pessoas, indicando que são naturais e vêm de Deus (cf. Sermão 5).

Em segundo lugar, não demonizava totalmente um ato, palavras ou escritos obscenos de um confrade, se por acaso fosse surpreendido. E mais, ele apelava para que fosse bem discernido o caso, dizendo: *“Tenham grande discernimento para não expulsar alguém, quando a tentação partir do demônio, ou for uma permissão divina. Vocês saberão se alguém está sendo tentado pelo demônio ou por permissão divina, quando virem esta pessoa refrear voluntariamente a língua e fugir da leviandade e da ociosidade e procurar viver uma profunda humildade, ao mesmo tempo em que deseja ardente e alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo. Mas, se esses sinais não aparecerem, fiquemos atentos, pois essa pessoa está vivendo numa negligência voluntária”* (30303).

A partir do ponto de vista zaccariano, viver a Castidade é viver a sexualidade como dom de Deus, ou seja, integrando todas as dimensões da pessoa humana: o biológico, psicológico, sexual. O Fundador é claro, quando convida a viver alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo (elementos antropológicos). Ele amplia a sua visão favorecendo e respeitando a integridade da pessoa.

Ora, ao longo da história, perdeu-se um pouco esse espírito zaccariano ao se reduzir a vivência da Castidade a uma ideia puritana. Exemplo disto encontramos nas Constituições de 1579 que dizem: “Evitem, o mais que puderem, colóquios ou conversas com mulheres, exceto para o sacramento da penitência. Da mesma forma, sejam evitadas as visitas domiciliares, a não ser que haja uma necessidade ou, por um motivo grave, especialmente quando elas não forem consanguíneas; quando isso acontecer, esteja presente um confrade, se isso puder ser feito com facilidade” (Const. 1579, Livro II, Cap. II, nº 101).

Mas, o Espírito Santo age na Igreja e dentro da família zaccariana, porque depois do Concílio Vaticano II foi superada a ideia moralista (puritana) a respeito da Castidade. Nas Constituições atuais tem-se uma visão mais humana, que favorece o crescimento do religioso como pessoa humana.

Viver a Castidade significa viver a sexualidade segundo os princípios da fé, e ela é uma virtude (bem, valor) exigida de cada religioso ou candidato para a Vida Consagrada, por isso: nós, os Barnabitas, “aceitamos e vivemos o voto de Castidade, na continência perfeita do celibato consagrado a Deus como dom especialíssimo da graça, porque acreditamos no ensino de Cristo e na força do seu exemplo” (Const. 1983, nº 65).

A continência é a escolha decidida de não praticar atos sexuais. E o celibato é um estado de vida de uma escolha livre para não se casar. Este compromisso, nós assumimos porque somos chamados a uma vocação específica, por isso nem todos podem receber este dom, só aqueles a quem foi concedido.

A Castidade, vivida em vista do Reino dos céus, leva o religioso a aderir mais facilmente a Deus, porque visa ter um coração indiviso para Deus, e viver intensamente o amor fraterno e a caridade; ou seja, a Castidade proporciona maior disponibilidade para o serviço pastoral. É fonte de caridade pastoral e fecundo espírito de amor pelos outros, isto é, total entrega a Deus para servir aos outros com o coração indiviso. (o

caráter esponsal com Deus)

O caráter esponsal com Deus pode ser considerado na palavra de Santo Antônio Maria Zaccaria quando ele recomendava ao Mestre de Noviços dizendo: *“Ensine-lhes a abraçar de tal forma o ‘Lírio da Castidade’, que se acusem de adultério espiritual, caso descubram que puseram seu amor, de qualquer modo que seja, em coisas, em parentes, ou também no amor próprio, porque Deus é ciumento e proíbe todo e qualquer outro amor que não seja o seu”* (31210).

Essa verdade mostra, mais uma vez, que a maturidade humana e espiritual é algo indispensável para se abraçar o voto de Castidade. Assim como consta nas atuais Constituições, *“Com a Castidade religiosa não mortificamos a nossa capacidade afetiva, mas possibilitamos os vínculos de real amizade humana e cristã, no interior da comunidade religiosa e nas relações com os outros”* (Const. 1983, nº 67).

Enfim, a Castidade da pessoa consagrada tem um modo peculiar de viver a maturidade afetivo-sexual. Porque um religioso que vive situação de muita carência afetiva, em que a insegurança é forte, exigindo permanente compreensão, em todos os sentidos, terá sérias dificuldades para viver a Castidade. Por exemplo: religioso dominado por ciúme incontrolável terá dificuldade de viver uma vida casta. O Fundador chama a atenção em alguns casos dizendo: *“Se houver quem não queira crescer na virtude da Castidade (fugindo de tudo o que a ela se opõe), de tal modo que o corpo e mente sejam manchados por tais males, este seja eliminado sem que tenhamos medo de errar”* (30302).

Isaac Segovia  
Noviço Barnabita de 2018

## O exemplo de Jesus

### *Jesus, homem casto*

Jesus, homem casto, é a experiência que nos transmite a tradição da Igreja. Ele é filho humano, homem universal. Filho humano porque nasceu de um outro alguém. Este é o princípio de todas as relações de Jesus: ele aparece como filho do humano, isto é, alguém que provém da humanidade, gerado por Deus, e fazendo-se solidário conforme testemunho unânime dos evangelhos sinóticos (cf. Mt, Mc, Lc).

Esta solidariedade receptiva define o fundamento de toda a Castidade de Jesus: sua capacidade de acolher, sua forma de ser-com e depender de todos como filho da humanidade, porque dessa maneira é homem na história. Nesse sentido, ser casto significa saber que dependo de todos, que estou nas mãos de todos.

Cristo Crucificado, sendo filho universal, vem apresentar-se de fato como rejeitado pelos poderosos do seu tempo, negado por umas autoridades que simbolizam a ordem do mundo e que O crucificam. Dessa forma, o ‘ser de todos’ se transforma num ‘ser de não poder contar com ninguém’, sendo assim morreu na total solidão, na solidariedade invertida, sobre uma cruz.

Nesse contexto de cruz, a castidade de Jesus podemos interpretá-la como isolamento pleno, sinal de total pobreza. Jesus não pode tomar nem assumir nada como próprio, nem sequer sua própria vida. Certamente, aos pés do Crucificado estão alguns amigos: a mãe, umas mulheres, e algum discípulo medroso (cf. Jo 19, 25-30). Mas eles não podem quebrar o muro de poderes que se levanta em volta e por isso Ele morre sozinho.

Tendo em consideração o Jesus crucificado, podemos perceber que a Castidade leva, em algum momento da vida, a uma experiência solitária: há um momento de cruz e solidão na existência humana, um momento de pobreza radical e morte, que descobrimos de maneira radical na vida de Jesus.

## *A castidade por causa do Reino*

“Com efeito, há eunucos que nasceram assim, do ventre materno. E há eunucos que foram feitos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!” (Mt 19,12). A expressão *por causa do Reino dos Céus* confere para nós hoje o caráter religioso e sendo assim, se torna um sinal que, para muitos na atualidade, é absurdo. Para os cristãos é um sinal antecipado do mundo que virá, e isso somente podemos ‘compreender’ à luz da fé.

A partir da Encarnação (cf. Jo 1,14), Jesus se mostra que não está isolado numa casa, não se fecha num grupo, não se separa de ninguém. Ele sempre se coloca num lugar aberto e exposto a todos, dialoga com todos, não apenas com publicanos (cf. Lc 19, 1-10) e prostitutas (cf. Jo 8, 1-11), mas também com fariseus e saduceus, com homens e mulheres de toda classe social (cf. Jo 4, 1-30). Essa capacidade de encarnar-se no centro do mundo, sem casar-se com nenhum poder político do seu tempo, define a castidade de Jesus. Ele é uma pessoa de todos.

A Castidade de Jesus implica numa forte renúncia, que tem sua expressão no repúdio de um tipo de legalismo fariseu e, sobretudo, na oposição a um tipo de família que O quer segurar para mantê-Lo dentro de seus muros e, assim, mostrar que são bons parentes (cf. Mc 3, 31-35).

As várias passagens nas quais Jesus fala em deixar pai e mãe, irmãos e irmãs, casa e filhos (cf. Mt 19, 27-29; Mc 10, 28-30; Lc 18, 28-30) definem de maneira radical seu projeto, como experiência de comunidade aberta, que rompe os pequenos esquemas de uma família patriarcal, de uma casa privilegiada, de um lar de puros. Essa renúncia de tipo de família-poder se expressa num amor maior, abertura aos irmãos e irmãs de comunidade. Esta é uma experiência radical do amor ao próximo, expressada nas palavras de Jesus ao homem que quer alcançar a vida eterna (cf. Mc 10,21). Neste sentido, a Castidade de Jesus pode e deve ser entendida como experiência radical da liberdade a serviço do

Reino.

Precisamos recuperar o caráter central da mensagem e do caminho do Reino de Deus. Somente nesse contexto podemos falar de eunucos por causa do Reino de Deus (cf. Mt 19,12). Como sinal do Reino transparece o amor. À luz dessa opção pelo Reino, a Castidade de Jesus pode ser entendida como caminho e projeto de gratuidade, nunca em forma de imposição. Recuperar essa gratuidade originária da opção de Jesus a favor do Reino de Deus, significa aderir ao projeto da nova humanidade, como expressão e encarnação da graça, que é essencial para a vida religiosa.

### ***A Castidade, meio e caminho para o Reino***

Santo Antônio Maria Zaccaria dizia: “*O homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus. Todas as outras coisas o ajudam para conseguir este fim*” (20601) Por isso, podemos falar que a Castidade não é o primeiro passo para seguir Jesus, mas é um meio importante no caminho do Reino, um meio muito significativo. Os Evangelhos não são sermões a favor da Castidade, eles oferecem testemunho de vida e a mensagem de Jesus, transmitem seu chamado para a vida do Reino. Nesse sentido, a Castidade para os religiosos é um caminho que se abre para o amor ao próximo de um modo especial, porque eles não se casam. De fato, o Apóstolo Paulo também valoriza muito este modo de vida, sem se opor ao matrimônio (cf. Ef. 5,1-33).

O voto de Castidade que se faz na vida religiosa é importante na Igreja, mas não para estar a serviço da instituição. É um gesto de liberdade a serviço do Reino, buscando caminhos de iluminação a partir do Evangelho.

### ***A personalidade de Jesus***

Jesus é o nosso único guia. Vamos imaginar um Jesus leigo que permaneceu casto como seu precursor, João Batista. Apontaremos algumas características de sua personalidade tendo em consideração os

textos dos Evangelhos.

O estilo de vida de Jesus e de João Batista eram diferentes, a maneira de vestir, a comida e a conduta. Jesus estava mais identificado com o povão. Ele não era sensual nem super-homem, sabia dominar e exibir suas emoções sem nenhum problema.

Jesus era um homem normal, tão sensível aos movimentos internos de seu coração (cf. Lc 7,11-17; Lc 10, 24-37) como uma pessoa humana qualquer. Ele não tinha vergonha de reconhecer publicamente seus sentimentos e demonstrar suas emoções. Tinha amigos próximos, homens e mulheres, por exemplo, o afeto por Lázaro foi comentado por todo o povo quando começou a chorar em frente da sepultura (cf. Jo 11,35-36).

Também podemos perceber outras características da sua personalidade quando se comportou como um homem indignado no templo (cf. Jo 2,13-25), no sofrimento Ele suou sangue em Getsêmani (cf. Lc 22, 42-44). Suas emoções eram tão fortes que ecoavam no seu corpo: lágrimas, suor, sangue.

Jesus gostava de comer e beber com o povo, e assim se misturava com todos, por isso ganhou o apelido de glutão e beberrão, porque se dirigiu muitas vezes aos publicanos e pecadores (cf. Mt 11, 18-19). De Jesus aprendemos como deve ser uma pessoa bem resolvida na sua sexualidade.

### ***O religioso e a religiosa não renunciam à personalidade masculina e feminina***

Mesmo sendo célibes, uma religiosa enfermeira ou uma religiosa professora desempenham um trabalho como mulheres, com suas qualidades de ternura e bondade; um religioso missionário age como homem com seu vigor, com seu amor pela verdade e com suas qualidades de coração.

É um fato significativo que Jesus foi um varão integralmente e, como varão, nos anunciou a Boa Nova. Ele “ia crescendo em sabedoria,

estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52). Também, foi muito significativo que Maria, como mulher, soube acolher o Salvador e como mãe apresentou seu Filho ao mundo. Deus escolheu Maria como mulher e como Mãe para ser a ponte que une o céu e a terra.

Por isso, podemos falar que os religiosos não vivem sua Castidade sem sua personalidade masculina ou feminina. Através da consagração a Deus e com liberdade, cada religioso e religiosa se doam para servir o próximo. Muitas vezes vemos como um menino órfão, uma pessoa viciada em drogas, um doente isolado, uma idosa abandonada, encontram numa religiosa uma verdadeira mãe.

Muitas vezes um jovem angustiado, um homem fracassado, um povo desorientado, pode encontrar num religioso a figura de um verdadeiro pai que o acolhe. Da mesma maneira, o religioso pode manifestar sua alegria ao entrar em comunhão com os outros.

Para finalizar, colocamos alguns exemplos do nosso Santo Fundador, demonstrando seu carinho e afeto pelos outros. Nas suas expressões se nota claramente que ele vivia uma Castidade madura, porque tinha intimidade com todos; especialmente com as irmãs Angélicas: *“Minhas queridas filhas, eu considero vocês o meu único motivo de alegria e consolo, só de pensar que brevemente estarei de volta à convivência com vocês”* (10502); também, com as pessoas que estão na missão, lembrando-se de cada uma e usando expressão carinhosa: *“Bem que eu gostaria de escrever agora para a querida Paulinha, mas não tenho condição. Como escreveria com muito prazer para a sempre fiel D. Lucrécia, mas não dá. Digam a ela: desejaria que ela ficasse parecida comigo: quer dizer, que não cuide só do seu progresso espiritual (...). Digam à Coordenadora que me lembro dela e da sua irmã. Digam ainda à minha querida Faustina que não me esqueço dela -nem poderia- e que ela aguarde o cumprimento da minha promessa...”* (10611)

Isaac Segovia  
Noviço Barnabita de 2018



*"O homem foi criado e colocado neste mundo sô para chegar até Deus.  
Todas as outras coisas o ajudam para conseguir este fim" 20601*

## Castidade e Continência

Para a tranquilidade de todos, é preciso distinguir entre Castidade e Continência. Embora sejam duas realidades humanas pertinentes uma à outra, não podemos fazer a confusão, muito difundida nos meios eclesiais e religiosos, que as consideram como a mesma situação de vida de homens e mulheres consagrados ou não.

Os dois temas ainda são tabu para tanta gente de Igreja, mesmo tendo havido um crescimento na sua compreensão nos últimos tempos. Para leigos de fé e que participam de pastorais, grupos e movimentos eclesiais, esta temática é um “cavalo de batalha”. É frequente movimentos de espiritualidade proporem metas muito elevadas de vivência da Castidade e que devem ser atingidas em um curto espaço de tempo; além disso, muitos consideram, que viver a Castidade é apenas abster-se de relações sexuais e afastar-se de atitudes imprudentes que levem ao ato sexual em si ou se aproximem de sua consumação.

Viver a Castidade é ter força para amar. É, portanto, algo muito maior do que a simples abstinência sexual. Ser casto é anunciar, com a própria vida, com toda a sua pessoa, que o amor verdadeiro faz valer a pena qualquer sacrifício e renúncia da sua tendência natural de se unir a outra pessoa pela prática sexual. Viver a Castidade não é trancar a sua afetividade a sete chaves e se transformar numa “pedra de gelo”! Entendida como força para amar, a Castidade não é só para consagrados, é para todos, seja qual for a opção de vida assumida pela pessoa, homem ou mulher. É, portanto, para o casal já unido pelo Matrimônio, para os noivos e namorados, para os que optam por permanecerem solteiros, pois não têm vocação para o Matrimônio. Enquanto os casados orientam suas melhores forças para a pessoa amada, os consagrados a orientam para o Reino, para amar sem limites. Tempos atrás, a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) tinha como lema “Livres para servir” ou, dizendo de outra forma, disponíveis para amar sem fronteiras.

Consagrados e não consagrados passam por várias etapas da vivência da sexualidade. Sendo assim, não propago uma heresia quando digo que viver a Castidade é observar o Mandamento de Jesus, que exige não só que amemos a Deus, mas também ao próximo como a nós mesmos. Aliás, *“só uma coisa faz você adquirir e aumentar o amor de Deus e crescer neste amor; além disso, faz com que ele apareça claramente, quando, de fato, existe em você. Quer saber o que é? É o amor ao próximo!”* (20418), diz o Fundador. É muito importante compreender essa realidade para vivê-la com plena e autêntica liberdade dos filhos e filhas de Deus.

Passando diretamente ao nosso caso de religiosos Barnabitas, que temos como carisma a renovação do fervor cristão, podemos e devemos viver a Castidade como doação total de nós mesmos à causa da transformação integral da pessoa humana, à re-humanização da sociedade, tão marcada por atitudes pessoais e coletivas de desamor, de rejeição, tudo isso por causa da cultura do descarté. Não podemos limitar a nossa missão ao “feijão com arroz”, é preciso que cada um seja doação total para todos. Ora, é dessa forma que se vive a Castidade, espalhando amor por toda parte, seja num simples atendimento a um pecador arrependido, que vem em busca do perdão de Deus, seja numa homilia que estabeleça interação com a assembléia que celebra, seja no estar presente ativamente no mundo da educação, da formação do Povo de Deus e de futuros religiosos e, - por que não -, seja em projetos sociais em que, lado a lado com os leigos, possamos fazer a experiência de dar e receber amor. Isso não deveria ser difícil, pois *“para nós, amar é coisa natural”* (20112) e *“Deus nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão, uma lei gravada em nossos corações e que qualquer homem pode conhecer por si mesmo. Não é preciso que você interrogue o próximo sobre isso; interrogue o seu coração, que ele lhe responderá”* (20110).

Seria muito triste toda essa dedicação ao serviço apostólico se, internamente, na vida comunitária, que caracteriza a nossa Congrega-

ção, não vivêssemos a Castidade. Torna-se um grave contra testemunho para os leigos que trabalham conosco e que fazem parte de nossas obras, perceberem (e eles percebem) que vivemos dando um “chega pra lá” uns nos outros, porque eu quero viver sem nenhum incômodo a minha consagração! Rezamos no Salmo 132 (133): “Vinde e vede como é bom, como é suave os irmãos viverem juntos, bem unidos!” (v 1). Celebramos a Eucaristia e cantamos: “É bom estarmos juntos à mesa do Senhor e juntos, na alegria, partir o Pão do amor. Na vida caminha quem come deste Pão. Não anda sozinho, quem vive em comunhão”. Castidade supõe comunhão e leva à comunhão.

Para viver a missão, tanto nas várias áreas de nossa atuação, como na convivência comunitária, é necessário que os religiosos tenham o devido cuidado com seu crescimento pessoal e amadurecimento afetivo-sexual. Não é possível renunciar à sexualidade, pois ela é uma pulsão vital, é a maneira como nos relacionamos, é o que dá a nossa identidade de gênero (aliás só há dois gêneros). A sexualidade, portanto, não se limita à área genital, como faz crer a mentalidade em voga na cabeça de tanta gente, mas a inclui. Se entendemos a sexualidade como identidade pessoal, é preciso entender o que acontece em relação a essa força vital.

Num nível primário, a sexualidade é impulso, é a satisfação física de homens e mulheres que se dá pela relação sexual. Esse impulso não morre com o passar do tempo, mas vai dando lugar a outras manifestações da sexualidade humana, que veremos mais adiante. E então: será que ser casto é não ter nenhum impulso? Se seguirmos Santo Antônio Maria Zaccaria, quando nos fala no Sermão 5 que *“a experiência de todos os dias mostra que as paixões e as tendências naturais (tristeza, alegria, ira, amor,...) estão em todas as pessoas. Elas são naturais, porque tudo o que vemos normalmente nas pessoas de todas as gerações, vem da natureza. Por isso, quem dissesse que essas tendências e paixões são más, seria mau e ignorante ele mesmo! Partindo da natureza e, por conseguinte, de Deus, dariam a culpa ao próprio Autor de*

*tudo, coisa que ninguém teria coragem de fazer, a não ser o insolente, o temerário e o grosseiro!”* (20501), veremos que esse impulso básico é natural, está em todas as pessoas, em mim e em você, seja qual for a nossa opção de vida. Um religioso não pode ter medo desse impulso, mas saberá ser senhor dele, de tal modo que não cause estragos nem para aquele que o sente, nem para outros e outras com quem convive. Anos atrás, no noviciado de uma grande Congregação masculina, vivia um irmão de 91 anos. Não podia fazer mais nada, a não ser regar as plantas do jardim. Não conseguia mais andar ereto por causa do peso da idade e dos muitos trabalhos feitos nas comunidades por onde passara. Os Noviços o importunavam, perguntando: - Irmão, quando termina o impulso sexual na vida das pessoas? Faziam esta pergunta maliciosamente, provocando o velho religioso. Chegou um dia em que o irmão perdeu a paciência e, querendo por um ponto final naquela situação, ergueu seu corpo o quanto pôde e disse: - Vocês querem mesmo saber quando acaba o impulso sexual. Os Noviços responderam: - É claro que queremos! Quando? Ao que o irmão disse solenemente: - Cinco minutos após a morte! Tinha razão o experiente religioso e, certamente, se fez santo sabendo conviver com sua natureza humana e orientando seus dias para uma vida que tivesse significado, ou seja, uma vida de amor e dedicação à sua opção vocacional vivendo a Castidade e a Continência.

A sexualidade é, também, erótica! Outro susto para muitos. O erotismo sadio é a capacidade de uma pessoa ser atraente e não está apenas relacionada ao prazer genital, mas supõe ternura, manifestações de afeto e de admiração entre pessoas e mesmo entre pessoa e grandes grupos, multidões mesmo! O eros é capaz de levar as pessoas a interagirem, fazendo-as descobrir valores recíprocos que superam o prazer do orgasmo físico. Jesus causou admiração a muita gente, as multidões iam atrás dele para ouvir sua Palavra de vida, para serem tocadas por Ele, para serem libertadas de seus males e Ele olhava para as pessoas e para as multidões sempre manifestando a misericórdia e a compaixão. Da mesma forma, alguns pregadores católicos prendem a atenção de

grande número de pessoas e são aceitos por elas, porque são capazes de estabelecer comunhão com grandes platéias, devido ao seu jeito de se comunicar e a outros dons. Quem não se lembra do Padre Leo que, mesmo depois de falecido tem os vídeos de suas pregações divulgados na mídia católica e nas redes sociais. Dá prazer de ouvir esse grande evangelizador, que usava o bom humor e o seu jeito de contador de “causos” para dizer o que tocava profundamente o coração das pessoas. Portanto, o eros favorece a comunhão e, quem estabelece comunhão, vive a Castidade. A erótica é muito importante também para a relação homem/mulher, que deve amadurecer na vivência da ternura e da troca de carinho, de toques recíprocos, abraços e beijos, resultado da atração recíproca. Mas se a erótica se transformar em pornografia, banaliza qualquer forma de amor humano, pois só enxerga na outra pessoa um pedaço de carne a ser consumido. O mesmo se diga da prostituição, que é o mercado do sexo. Cuidemos bem da orientação de jovens que, cada vez mais cedo se dão à prática sexual, sem se darem tempo para amadurecer a sua capacidade de amar verdadeiramente e ficam dizendo que pecaram contra a Castidade porque não foram continentais, mas na verdade, se deixaram levar pelo instinto e, dessa forma, ficam com grandes escrúpulos e até enojados diante do que fizeram.

A sexualidade tem mais duas dimensões. Uma delas é a filia. Quando chegamos a este ponto na vivência da sexualidade, ultrapassamos a necessidade de contato sexual, para admirar na outra pessoa os seus valores mais profundos, é se deixar encantar pelas suas qualidades e atitudes. O relacionamento se traduz pela partilha, pela comunhão de ideais, pela amizade, pelo convívio agradável e sempre desejado. Essa situação é extremamente importante para os casais, para o relacionamento pais e filhos e também importantíssima para o bom andamento das comunidades e missão dos consagrados. Relato a experiência que vivi durante alguns anos com o saudoso Pe. Erich Georg Hennings. Sempre fomos diferentes quanto a muitas ideias e linhas de ação, mas amávamos partilhar o que tínhamos realizado durante o dia. Era sagra-

do estarmos juntos na sala da casa dos religiosos no IPEM para partilhar as aulas que ele tinha dado no ISTA, os problemas da educação quer no colégio, quer no Brasil, as minhas incursões e atividades no Morro do Papagaio e na Flama PIO XII e as minhas aulas de Geografia. A admiração era recíproca, não unilateral. Era natural que eu, como seu discípulo, o admirasse, mas o mestre soube valorizar o discípulo. Desse momentos de filia, nunca me esqueço e me levam adiante na vida. E o que não dizer do querido de todos, o Pe. João Parreira? Soube, entre outras virtudes, amar a Congregação e seus familiares e parentes na mesma intensidade de um homem religioso e sacerdote, que adquiriu uma grande serenidade e um invejável equilíbrio pessoal. Quem não conseguiu conviver com ele, precisa urgentemente de uma séria reciclagem! Ou não será de uma profunda conversão?

Às vezes, a filia-admiração pelo outro pode acontecer entre pessoas que não têm um convívio mais direto, quer porque não são da mesma família, quer porque não convivem na mesma família religiosa. Cito a admiração que todos tínhamos (e eu ainda tenho) pelo ex-Prefeito de Belo Horizonte, Patrus Ananias, por causa das suas atitudes como administrador público e como gestor que procurava estar presente na vida dos bairros de periferia, ouvindo e respeitando as pessoas e buscando soluções humanas para os desafios próprios de uma cidade grande! Com certeza, você que está lendo essas linhas terá muita coisa para contar de suas experiências nesse sentido. Essa é uma experiência que, naturalmente, traz felicidade pra si mesmo e se alegra com a felicidade da outra pessoa, mas aí não há nenhuma exigência de troca; a filia é uma experiência de gratuidade.

A outra dimensão da sexualidade é a ágape. Ágape é a dimensão espiritual da sexualidade. Aqui se superam todas as outras dimensões, aqui a gratuidade é total, bem como a comunhão e o amor alcançam a esfera do divino, ou seja, da totalidade. Creio eu que é o amor que se faz totalmente misericórdia, que não olha se o outro é bonito, atraente, inteligente, se tem poder ou qualquer atributo corporal. Não há preocu-

pação com trocas de carícias, beijos ou abraços: nada disso se faz necessário, porque aí, a sexualidade é o amor pleno. Os limites, defeitos, manias, pirraças e outras manifestações irritantes, próprias da decadência física e mental da pessoa que envelhece não têm a menor importância. Ama-se assim mesmo e pronto. Conheci, certa vez, uma senhora que cuidou do marido entrevado numa cama por 14 anos! Quando ele morreu, ela veio conversar e contar a história dos dois, desde o tempo em que se conheceram. Quando a paciência do confessor não está muito aflorada, é costume dizer: - Meu Deus, hoje vai demorar! Levei uma lição! Quando disse a ela que poderia ficar tranquila, que seu marido estava com Deus e que ela agora poderia descansar de toda aquela dedicação que lhe custou muitas noites mal dormidas, muito esforço físico e desgaste psicológico, ela me disse: - Quem ama não descansa. Como eu poderia deixar de amar aquele com que Deus me presenteou para a minha vida inteira? Ele continua comigo e a saudade que eu tenho dele me faz viver! Essa senhora alcançou o amor ágape. Para nós, religiosos, chegar a essa expressão da sexualidade, que não quer mais saber de posse ou de qualquer espécie de retribuição é essencial, nem que seja um pouquinho só. Com certeza, receberemos tudo nesta vida e a plenitude na vida eterna, pois vivemos a ágape na comunidade religiosa e na missão. Será preciso pedir a Deus que tenhamos a estatura de Jesus Cristo para vivermos a sexualidade com a marca da Castidade, isto é, com a marca do amor que não se acaba nem aqui, nem na vida futura.

Mas, e a Continência? Não vai nenhuma palavra sobre ela, nenhuma definição? A definição já apareceu no contexto desse capítulo. Basta que o tenham lido com atenção!

Termino com a palavras de Santo Agostinho: “Ama e faz o que quiseres”. Tem razão esse grande santo, porque quem ama verdadeiramente sabe muito bem o que deve fazer.

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

## A experiência de um confessor

### *O valor da experiência*

Santo Antônio Maria Zaccaria dava grande importância à experiência. Em vários trechos de seus Escritos, ele deixa transparecer o que pensava a respeito. Por exemplo: *“Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa: é a voz da experiência; eu nem preciso falar”* (10204), quando o Fundador escreve aos seus dois companheiros de fundação. Ao aconselhar seu amigo, Carlos Magni, sobre modos de oração, ele diz: *“Experimente, meu caro amigo, dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado”* (10306), ou seja, faça experiência de uma oração que venha do coração. Diz mais o Fundador, quando refere que o Frei Batista não gosta quando encontra alguém dos seus orientados que faz o papel de comerciante ou que não quer caminhar com as próprias pernas. Mas Deus vai dar um jeito nessa situação, *“... para Deus tudo é possível e nós sabemos, por experiência, que é assim mesmo”* (10401). Dirigindo-se ao Pe. Bartolomeu Ferrari e a todos que estavam na missão de Vicência, ele os encoraja: *“Meus santos filhos em Cristo, de que vocês estão duvidando? Ainda não percebem que, nesta missão, nunca lhes faltaram recursos para dar aos que estão precisando? Não existe nada de mais certo e que mais faça aumentar a segurança, do que a experiência”* (10601). No final da Carta 6, ele afirma que até o demônio sabe das coisas por experiência (cf. 10612). No bilhete, que é a Carta 8, o Fundador dá um puxão de orelhas no Soresina, seu querido filho em Cristo: *“Por que você está tão tímido e medroso? Ainda não sabe que não vamos abandoná-lo? Você já deveria saber, por experiência, da ajuda que lhe damos sempre”*. (10801). No Sermão 4 ele afirma que ninguém poderá fazer verdadeira experiência do amor de Deus, se não amar o próximo e se não for a Deus através do próximo (cf. 20418-19). E no Sermão 5 fica bem claro que a experiência de todos os dias nos mostra que as paixões são naturais, têm sua origem na própria natureza humana (cf. 20501). E

no Sermão 6, ao tratar das ocasiões da tibieza, ele alerta para o perigo que correm aquelas pessoas que só comungam e se confessam uma vez por ano. É uma experiência insuficiente e que os leva à mais profunda tibieza (cf. 20620)

Sou Barnabita há 56 anos, minha primeira Profissão foi no dia 1º de março de 1962. Em outubro de 2018 completei 48 anos de sacerdócio (17/10/1970). Há confrades com mais tempo de caminhada, quer na vida religiosa, quer no sacerdócio. Mas só datas e tempo percorrido não são suficientes para dizer que alguém tem realmente experiência. Tudo muda muito rapidamente e a sensação predominante é que cada vez temos menos tempo para assimilar as novidades que surgem a cada dia nos variados campos da atividade humana. O tempo nos foi roubado e, junto com ele, perdemos também a vivência sadia da afetividade.

Diante desse quadro e apesar dele, posso dizer que tenho alguma experiência adquirida nesses anos todos de vida comunitária mais ou menos fraterna. Mais ou menos porque nem sempre consegui acertar e outras pessoas também não o conseguiram. Mas houve muitos acertos e bons exemplos de santidade por parte de tantos. Lembro-me das palavras do Fundador: *“Se você se achar em condições de ser o reformador, coloque a cruz acima da tibieza, com coragem, o quanto você puder, para favorecer a prática dos bons costumes. E o faça sem soberba e sem presunção (porque isso pode acontecer)”* (31802). Continuando seu pensamento, o Fundador diz que não é para desanimar se me faltar alguma qualidade, mas que eu não fique parado e sim *“decida tornar-me aquilo que ainda não sou”* (31802)

Fui professor de Religião e de Geografia por 13 anos no Colégio Padre Machado em Belo Horizonte, no qual também estive como Diretor não habilitado, mas com licença do MEC, mas por pouco tempo; estive formador das várias etapas (menos dos professos): Escola Apostólica, quase ao se encerrar essa experiência na nossa Província, Aspirantado, Postulantado e Noviciado (em Belo Horizonte, Samambaia e Jacarepaguá). Estive pároco em Belo Horizonte (Paróquia Cristo

Crucificado); Uma experiência muito marcante foi a Flama Pio XII, que me colocou em contato direto com os pobres do Morro do Papagaio (Belo Horizonte). Crianças, jovens e mães frequentavam os encontros de Catequese no Colégio Padre Machado, tinham merenda e recreação. Crianças e jovens participavam da Missa aos sábados e aos domingos respectivamente. Essa experiência foi porta de entrada para uma missão direta no Morro. Não posso esquecer leigas e leigos que, voluntariamente, dedicavam parte de seu tempo àquelas pessoas. Senhoras como D. Lourdes Britto, D. Hilda Diniz, D. Leniza Seabra e também alunos do nosso colégio que foram catequistas de jovens. Confesso que foi nesse contato e nessa mistura pobres/classe média, que aprendi a ter sensibilidade para com as pessoas e a constatar que os pobres têm grandes valores e não ficam nada a dever às outras classes sociais. Basta terem oportunidades! Samambaia foi outra experiência muito rica. Lá eu vi o Brasil do povo, a mistura cultural. Embora o Noviciado fosse a prioridade, o contato com as pessoas foi enriquecedor. A Paróquia Cristo Crucificado (BH) me trouxe uma lição de crescimento junto com o povo, esse mesmo povo que desejava crescer em todos os aspectos.

Em todos os lugares por onde passei, sempre houve muito contato com a juventude na sala de aula, na formação de religiosos, no Morro e na periferia.

### ***Experiências de um confessor***

Os dois locais onde mais atendi as pessoas que desejavam (ou desejam) se confessar ou ter orientação espiritual foram Samambaia (2003-2009) e Jacarepaguá, onde estou atualmente, desde 2013.

Como o nosso tema é a Castidade, nota-se uma grande confusão na cabeça das pessoas a respeito desse conselho evangélico, que não é privilégio da Vida Consagrada, mas pertence a todo o Povo de Deus, pois se trata de força para amar, o que, para nós deveria ser fácil. Afinal, como diz o Fundador: *“A Lei de Deus não é coisa impossível, nem está fora do seu alcance, pois, para nós, amar é coisa natural”* (20112),

citando Deuteronômio 30,11.

A maioria dos penitentes considera que observar a Castidade é não procurar pornografia, não se masturbar e abster-se de relações sexuais, quer com o outro, quer com o mesmo sexo. Mas, como dissemos, a Castidade, embora abranja os aspectos acima citados, é muito mais do que a abstinência sexual. Quem é casto de verdade sabe amar a todos e se deixa amar, sem medo de se perder em atitudes promíscuas ou de se tornar um ET, um estranho que não lida com as pessoas para não se “contaminar”.

Muitos grupos, inclusive católicos, incutem na cabeça das pessoas um certo terror quando se fala do assunto, ou exigem disciplinas que beiram o heroísmo para quem vive num momento em que tudo é “líquido”. As pessoas se sentem como criminosas e que nunca serão perdoadas. Outras recorrem à Confissão para se purificarem. Cheguei a ouvir de alguém que basta se confessar após ter “aprontado todas” em matéria de sexo. “Caí de novo”, por isso vim me confessar, dizem tantos, mas não se esforçam para superar as situações. A Confissão vira uma pílula anti-pecado ou um analgésico que tira a dor naquele momento, mas eu continuo sem juízo e não uso os remédios duradouros que, “*degrau por degrau*” (cf 10202 e 20114), trarão mais consciência da minha dignidade e um maior amadurecimento pessoal, que me farão ver as prioridades da minha vida.

*Falando agora* sobre pornografia, masturbação e relações sexuais desordenadas, sempre a partir do que ouço das pessoas:

- Pornografia: É uma indústria que prospera a cada dia, de fácil acesso e que, além de “prender” as pessoas, funciona como anestesia, encobrendo outros pecados maiores ou piores que afligem a nossa sociedade. É impressionante ver como mais e mais gente faz recurso à pornografia, como uma alternativa aos relacionamentos conflituos que marcam os nossos tempos. O que seria uma mera curiosidade, hoje parece que se tornou um recurso de segurança pra muita gente. E olha que essa prática não se limita apenas aos mais jovens e solteiros! Não é só uma ma-

zela dos homens, as mulheres também estão crescendo em número na procura por emoções virtuais; pessoas casadas recorrem à pornografia virtual para compensar as frustrações dos relacionamentos concretos. Em tudo isso se nota o imediatismo: prazer a qualquer custo e ali na hora, já que conquistá-lo dá muito trabalho!

- Masturbação: O que antes era um problema para os mais jovens, hoje está generalizado para todas as idades. O que antes se pensava ser coisa só de homens, hoje não se pode dizer que é privilégio deles, pois elas também têm falado bastante sobre o assunto. A masturbação é o prazer pessoal e satisfaz os interesses da mentalidade individualista dos nossos tempos. A grande crise atual é a dos relacionamentos. Está muito complicado relacionar-se de maneira harmoniosa e prazerosa. Estamos muito longe do que diz o capítulo 2 do Gênesis. Então, sozinho ou sozinha, eu resolvo as minhas carências! Há quem se vicie; nesse caso, só o padre não resolve.

Noto também, em muitos, o desconhecimento sobre as diferenças psicológicas e comportamentais entre homem e mulher e as mudanças dos papéis sociais em curso e que fizeram a mulher ascender socialmente. Essas mudanças alteram substancialmente as relações interpessoais. Se, por um lado, a ascensão social da mulher foi e tem sido um grande bem, por outro lado, elas estão operando uma espécie de vingança contra os homens por causa de séculos de opressão por parte deles. As mulheres estão implacáveis e não admitem a mínima falha dos homens. Isso tem deixado muitos homens completamente desorientados, sem saberem o que fazer. Se antes eles dominavam, eram os provedores, hoje não é mais assim. Querer manter essa forma de pensamento não ajuda em nada a busca da harmonia entre eles e elas. Daí, o recurso à pornografia, em que o homem sempre domina e à masturbação, porque não tenho que dividir com ninguém a minha pessoa. A sociedade está doente também quanto a esse aspecto! Ouvi de um adolescente que disse preferir namorar outro menino, porque as mulheres estão muito complicadas! Na verdade, ele só estava expressando a sua

impossibilidade de ser o macho dominante como no reino animal.

- Práticas sexuais desordenadas: Uma delas não é tão recente. É o que os jovens chamam de “ficar” com alguém. Contrariando o significado do verbo ficar, que indica permanência, o costume de ficar com alguém, por exemplo, numa festa, se caracteriza pela provisoriedade do relacionamento: é só por algum tempo e, muitas vezes não dura nem a festa inteira. Há ocasiões em que a aventura termina em sexo, mas não traz nenhum compromisso entre os dois protagonistas. Em muitos casos, a bebida alcoólica e algum tipo de droga ilícita acompanham a ação. Certa vez alguém pediu para confessar porque tinha “ficado” com cinco meninas numa festa. Mas nem sequer se lembrava do nome delas! Quem “fica”, geralmente diz que traiu sua namorada ou seu namorado. As relações sexuais estão cada vez mais livres não importando se o(a) parceiro(a) é casado(a). A precocidade nas relações também é um fato. Adolescentes na primeira fase dessa etapa da vida não falam claramente, mas disfarçam afirmando: “Fiz besteira”. A impressão é que a maioria não se importa mais com o que a Igreja diz nos seus ensinamentos e se rendem ao clima excessivamente erotizado, que invadiu os bastidores dessa época pós-pós moderna ou, como diz um jovem jornalista: “pós tudo”. Sexo só depois de casados? É uma raridade encontrar quem ainda esteja pensando assim, a não ser as pessoas de idade mais avançada, mas se percebe que, mesmo entre os adultos e até entre os idosos, o sexo está em destaque nos momentos da confissão. Pode não ser dito explicitamente, mas a experiência mostra que, por detrás de certas lamentações e queixas, há o componente sexual, determinante do comportamento mais ou menos pecaminoso. Quanto à homossexualidade, surgem cada vez mais casos, pois, pouco a pouco, as pessoas vão perdendo o medo de se expressarem, quando esta é a sua opção sexual e de vida.

### *A reação do confessor/orientador*

Minha experiência tem mostrado que a maioria das pessoas que

vêm se confessar, também desejam alguma orientação. Sendo assim, não deixo ninguém ir embora sem pistas para uma verdadeira conversão. É bom que se diga que é o penitente que tem que dar os passos para que a conversão aconteça de fato. Como confessor, nunca poderei “amarrar” o penitente a um “pacote” de instruções previamente estabelecidas de forma genérica, pois cada caso é um caso.

Procuo acolher bem quem quer que seja, deixando o penitente à vontade e demonstrando interesse pelo que ele está falando e sentindo. Geralmente, quem fala de Castidade está envergonhado(a) e constrangido(a). Faço ver que esse é um primeiro passo para a conversão, ou seja, é importante sentir a pressão do defeito e do pecado, para que, ao mesmo tempo, impulsionado pelo próprio pecado, o penitente consiga atingir o máximo da perfeição (cf. 31307). Outro aspecto importante que faço ver a todos é que a conversão não é algo imediato, mas um processo que passa por diversas fases ou, como dizia o Fundador, por degraus a serem galgados um por um, se quisermos chegar à meta (cf. 10202 e 20114).

Não me assusto com os pecados “cabeludos”. Sigo a linha do Santo Fundador, que dizia ao Mestre que ensinasse aos Noviços a “*não acreditar no mal de jeito nenhum, mas pelo contrário, isso sim, a acreditar sempre no bem*” (31227). Por isso, eu acredito que todos podem melhorar, que todo mundo tem jeito. Por esse motivo, é preciso ser misericordioso com quem quer progredir (cf. 30303).

O que recomendo sobre a pornografia?

Que o penitente tenha força de vontade e disciplina pessoal de tal modo a dizer para si mesmo: “Não quero ver nada de pornográfico”, em que pese a facilidade de acesso a esse tipo de material em sites, blogs e nas redes sociais. Uma coisa é ver cenas de sexo que surgem em qualquer filme que assistimos (aí será preciso ter um olhar crítico sobre as cenas), outra coisa é procurar conteúdo pornográfico diretamente. Além disso, a pornografia nunca mostra relacionamentos afetivos normais e respeitosos, que enriquecem e engrandecem as pessoas.

Sobre a masturbação, a conversa é mais longa. Alerto para as consequências dela: como é o prazer pessoal, ela faz ver o próximo como “estraga prazeres”, como um incômodo para a minha vida, como um obstáculo. Por conseguinte, acontece uma exasperação do ego e uma tentativa de anular o outro. A pessoa se torna egoísta, fechada, irritadiça, impaciente, bruta nos relacionamentos, prepotente, centralizadora; parece que nada a satisfaz além de si mesma.

O que fazer? Força de vontade e disciplina para resistir à vontade de se masturbar, saber parar, se já começou, estar sempre ocupado em alguma atividade que lhe traga prazer e realização. Pode ser um hobby, o estudo, uma prática esportiva e a busca de um relacionamento sério, que não veja na outra pessoa um “pedaço de carne” a ser usado e depois descartado, porque já me satisfaz e não serve mais! Pessoalmente não acredito na eficácia de métodos como o PHN e semelhantes. Pode funcionar em um ou outro caso, mas geralmente não dá certo, pois não tem a mesma mística dos métodos utilizados pelos grupos de AA (alcoólicos anônimos).

Mas vocês devem estar estranhando: esse confessor não manda seus penitentes ter uma vida de oração? Claro que sim! Não só a oração como sintonia com Deus e também a oração que leva em conta a vida; além disso, recomendo a prática da Leitura Orante.

E quando a pessoa volta dizendo que não progrediu? Sempre misericórdia! Vários relatam crescimento. Isso é um consolo para o confessor.

Sobre as relações sexuais antes do casamento faço ver que são prejudiciais pelo desgaste que causam e que, em muitos casos, levam à separação precoce do casal. O critério para legitimar as relações sexuais é muito mais do que uma cerimônia e a assinatura de um processo matrimonial, embora não se possam dispensar esse momento e todos os cuidados que cercam a preparação para o Sacramento. O critério é o AMOR, que não se explica, mas se vive! Mas ainda fica um problema: a falta de consciência acerca da sacramentalidade do Matrimônio cris-

tão. Esse continua sendo um desafio para teólogos e catequistas.

E os homossexuais, cada vez mais presentes na vida da sociedade e da Igreja? Recomendo que não percam a dignidade, que sejam continentes e que não se prostituam, pois há uma forte tendência nesse sentido por parte de tantos.

### ***Conclusão desta parte***

Em todas as ocasiões, que fique bem claro o que é Castidade e o que é continência ou celibato.

Para os pecados relacionados ao sexo e todos os outros, que sejamos capazes de seguir o que nos diz o Fundador na Carta 3: *“Na meditação, na oração, nos pensamentos,, esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que como comandante geral, chefia os outros que existem em você. Querendo acabar com ele, esforce-se para acabar com os outros que aparecerem, do mesmo jeito que faz quem deseja matar o comandante do exército inimigo, que fica protegido no meio de suas tropas; tendo os olhos sempre voltados para o que é mais importante, abra caminho até ele, matando todos os que estiverem na frente”* (10313). Interpretando as palavras de Santo Antônio Maria, peço para identificar o pecado mais fraquinho, peço que o penitente invista nele até arrancá-lo pela raiz, mas nada de apavoramento e sim, usando o método da gradualidade (cf. 20114). Querer resolver tudo muito rapidamente leva ao fracasso e ao mergulho cada vez mais profundo no pecado. E aí fica muito mais difícil se libertar. Mas que todos se lembrem de que o método da gradualidade é lento, mas não pode parar: é degrau por degrau!

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

## CONCLUSÃO

### É possível ser religioso e casto hoje?

Somos Barnabitas. Fomos “*chamados para viver mais plenamente a consagração batismal no seguimento de Cristo*” (Constituições 7). Recorrendo mais um pouco ao número 7 de nossas Constituições, constatamos que não fomos forçados a abraçar esta Congregação, mas optamos livremente por ela e por tudo o que ela nos propõe: seu estilo de vida comunitária, o carisma, a espiritualidade e a sua história, sua maneira de ser presença na Igreja e na sociedade. Tomando conhecimento dessas realidades, cresce, em cada religioso, o amor e a gratidão por pertencer a esta família religiosa. Mas, como em qualquer família humana, o amor pode diminuir ou até desaparecer, se não for cultivado e valorizado.

Vivemos neste mundo, recebendo todas as suas influências e participando de muitas de suas conquistas, mas não podemos aceitar o espírito do mundo ao nos doarmos inteiramente a Deus no serviço a favor dos irmãos.

Doar-se a Deus e servir aos irmãos, só é possível se o consagrado viver a Castidade, isto é, se for capaz de amar, de se apaixonar por Jesus Cristo e pelo povo! É a conhecida intuição do Fundador, quando encoraja seus dois companheiros, Bartolomeu e Tiago Antônio: “... *Corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo ...*” (10216).

É preciso ser “louco” para ser religioso nos dias de hoje. Somos chamados para estar na vanguarda da Igreja e, por isso, nos tornamos vitrine para a sociedade nem um pouco cristã dos nossos dias. Diante de tantas provocações e estímulos agressivos na área da afetividade e em tantas outras áreas de sua atuação, o religioso fica, às vezes, sem saber o que fazer e como se comportar diante das pessoas, que buscam em nós uma resposta para as mais diversas situações em que se encontram, quase sempre provocadas pela afetividade mal vivida, que determina

muita coisa negativa nos relacionamentos interpessoais.

Por outro lado, o religioso também tem suas carências. Afinal, seu corpo também passa pelas mesmas influências que afetam todo ser humano. Memórias de um amor do passado podem, de tanto em tanto, voltar a assaltar a mente. Embora viva em comunidade, o religioso dos tempos atuais também experimenta a solidão, influenciada pela tendência ao individualismo. O não saber lidar com seu temperamento, ou mais reservado ou mais expansivo, também causa sofrimento na área da afetividade. O narcisismo e o exibicionismo voltados para o culto do corpo, a necessidade exacerbada de ser reconhecido e elogiado, de ter razão em tudo também são situações recorrentes na Vida Religiosa. O medo e o pudor de buscar ajuda na área afetiva também podem atrapalhar de maneira comprometedor a vida do dia a dia de um religioso e o levar a recorrer à pornografia e à masturbação, que compensem os sofrimentos causados pela sua vivência desordenada.

A formação mais repressiva ou mais reticente ao falar de afetividade e sexualidade também causa males no presente e no futuro. O se “orgulhar” por nunca ter tido problemas afetivos é um péssimo sinal, pois pode esconder situações perigosas para quem deseja viver a Castidade. Piadinhas, contar vantagem em matéria de sexualidade, ser leviano nas falas e ser condescendente quanto aos maus costumes mostram que a Castidade está longe de fazer parte da vida do religioso (cf 31711-12). uma espiritualidade de fuga do mundo também não ajuda nem um pouco no crescimento e amadurecimento afetivo.

Apontamos vários aspectos negativos que estão presentes no cotidiano da Vida Consagrada e os leitores poderão encontrar outros ou até discutir e contestar o que aqui está posto.

Mas, como não se deixar dominar por essas situações?

Sugerimos, a seguir, caminhos para ser religioso casto na realidade líquida em que vivemos atualmente. Quem nos ajudará são as nossas Constituições e o nosso Santo Fundador.

1. Identificar-se com a Congregação, com seu carisma da renovação do fervor cristão (Const. 93 / 10711-12) que nos impele a descobrir sempre novas fronteiras (Const. 92 / 10216 / 10602), com a Espiritualidade que moveu os nossos Primeiros, fundamentada no Cristo Crucificado e Eucarístico, que nos impele a amar uns aos outros e a ver no próximo o caminho para Deus (20424) e com a sua História, para vermos o que nossos antepassados realizaram e, assim, seguirmos seus exemplos de dedicação à Vida Religiosa, à Igreja e à missão. Muitas vezes ficamos envergonhados por termos tantas referências e não termos sido capazes de nos comportar à altura.

2. A busca da vida comunitária com seus desafios e valores:

Não fomos feitos para viver no isolamento. Nossa vida de Barnabitas dá grande importância à comunidade religiosa. Nossas pregações, seguindo as orientações da Igreja, sempre valorizam a comunidade dos fiéis, em que se deve viver sob a influência da solidariedade, alimentados pela Palavra e pela Eucaristia. Não pode ser diferente para nós, que optamos por este tipo de vida para testemunharmos as realidades futuras já aqui nesta terra. Nós tornamos este testemunho mais visível aos olhos do mundo, à medida em que mais e mais religiosos demonstram, no dia a dia, que é possível viver felizes a sua consagração.

A força da comunidade é essencial para sustentar o compromisso da Castidade na vida consagrada. Nossas Constituições, no número 9 dão orientação segura sobre a vida comum. De fato, a vida comum é:

---- completamento de pessoas e de opções apostólicas. Isso combate a uniformidade que vivíamos em tempos passados, mas que infelizmente está voltando à moda, até por opção de tantos jovens!

---- colocar à disposição da comunidade inteira, os dons e carismas individuais que são dons do Espírito, fazendo que a comunidade seja um CORPO que se ocupa de todos os seus membros, vivendo o AMOR FRATERNAL.

Se a comunidade se tornar, de verdade, o LOCAL onde o religioso encontra acolhida por parte de seus irmãos, onde ele pode estar certo

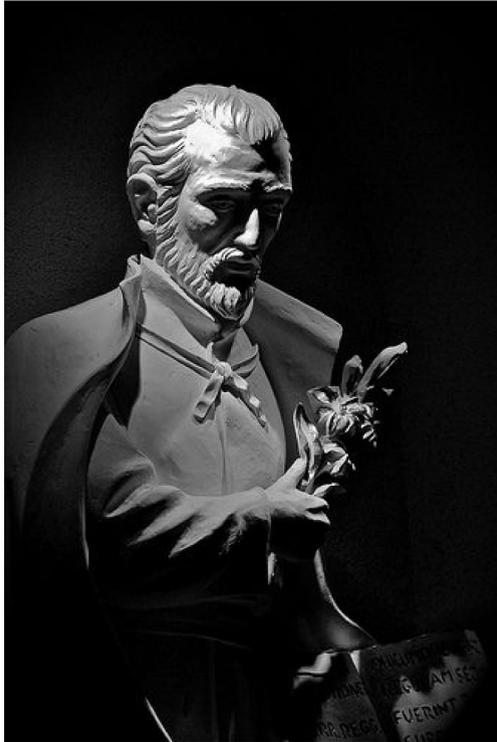
de que será escutado (não necessariamente atendido em todas as suas demandas), onde ele se sinta amado pelos confrades e os possa amar com verdadeira amizade, a Castidade, como força vital voltada para a capacidade de amar, encontrará no religioso a realização de seus melhores anseios e o deixará preparado para não se assustar com as suas paixões e com as dos outros (cf 11004), mas o guiará pelos caminhos da prudência em relação a seu comportamento e da tolerância e compreensão quanto às falhas dos outros. (cf 30303)

Nem seria preciso falar, mas nunca é demais recordar, que o religioso que procura ser fiel aos seus compromissos, por mais simples e insignificantes que sejam, viverá a Castidade com muito mais serenidade e segurança, não será um apavorado e temeroso, que se julga sempre culpado, ou um relaxado que se entrega a todo tipo de vício. O que se fala para os jovens, também serve para os veteranos: manter-se ocupados com atividades que tragam realização, satisfação, prazer mesmo! Evite-se o isolamento. Como diz o Fundador ao Soresina: *“Evite o isolamento, se você quiser que eu considere sua humildade como caridade”*. (11013).

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

## BIBLIOGRAFIA

- Santo Antônio Maria Zaccaria, *ESCRITOS*, 2ª ed. Belo Horizonte: FUMARC, 2011
- Constituições dos Clérigos Regulares de São Paulo. Trad. Pe. José Meireles Sisnando Barnabita. Petrópolis: VOZES, 1984
- Constitutiones Clericorum S. Pauli Decollati, ed. 6ª Roma. Tipografia Augustinana. 1946.
- GENTILI Antonio, ERBA Andrea. *O REFORMADOR*, Vida de Santo Antônio Maria Zaccaria. Trad.: Pe. Fernando Negreiros de Paiva B. Belo Horizonte: FUMARC, 2006
- MONTONATI Angelo, *FOGO NA CIDADE*, Santo Antônio Maria Zaccaria. Trad.: Pe. Francisco Aparecido da Silva CRSP, Rio de Janeiro: STAMPPA, 2015
- MOREIRA DE OLIVEIRA, José Lisboa. *VIVER OS VOTOS EM TEMPOS DE PÓS-MODERNIDADE*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002
- CALIMAN, Cleto. *PERFECTAE CARITATIS / Texto e Comentário*. São Paulo: PAULINAS, 2012
- VITA CONSECRATA*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre João Paulo II. 6ª ed. São Paulo: PAULINAS, 2009
- VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE*, Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. 7ª ed. São Paulo: PAULINAS, 2009
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. 272 p.
- NOGUEIRA, Cristiane Santos de Souza - *A sexualidade no contexto da Modernidade líquida*. 2006. Disponível em <http://www.sistemaspuccinas.br/BDP/Silverstream/pages/pg-consltem.htm/>. Acessado em 10 de abril de 2018



## ÍNDICE

- 6 Introdução
- 8 Santo Antônio Maria Zaccaria e a Castidade
- 18 O panorama atual da Castidade
- 23 Afetividade e Sexualidade
- 28 A Castidade nos Documentos da Igreja
- 31 A Castidade nas Constituições
- 34 O exemplo de Jesus
- 40 Castidade e Continência
- 47 Experiência de um Confessor
- 56 Conclusão



